

## 5

**PESQUISA DE CAMPO**

Um tema para pesquisa em comportamento humano, muitas vezes, surge a partir de observações e indagações do pesquisador dentro do seu próprio cotidiano, não só profissional, como também pessoal. O gatilho que desperta essa curiosidade, geralmente, acontece em forma de pergunta, aliás, de várias perguntas. Pesquisar é a arte de se perguntar o tempo todo e se lançar em busca da compreensão de valores e comportamentos em constantes transformações. A partir dessas perguntas, começa, então, um trabalho extensivo de busca por autores, livros, artigos e outras pesquisas relacionadas ao tema. E, quando pouca literatura nacional é encontrada, a curiosidade do pesquisador fica ainda mais aguçada.

Foi assim que aconteceu conosco. De uma tímida idéia, nascida a partir de conversas com amigos, atendimentos clínicos e vivências pessoais, surgiu uma enorme vontade de abraçar um tema, como já dissemos anteriormente, pouco abordado diretamente na produção acadêmica do país, porém muito em voga nos livros de auto-ajuda mais vendidos no Brasil: o dinheiro no casamento. Quando pesquisamos o dinheiro, encontramos vasta literatura nas mãos de economistas, jornalistas e profissionais de marketing. Por outro lado, na Psicologia, não falta literatura sobre casamento no Brasil e no mundo. No entanto, o tema específico do dinheiro no casamento aparece na literatura nacional basicamente da seguinte forma: em estudos sobre conjugalidade e individualidade (Magalhães, 1993), sobre o trabalho remunerado feminino e sua conciliação com a maternidade (Perlin & Diniz, 2005) e sobre casais de dupla-carreira (Monteiro, 2001). Já na literatura internacional, o dinheiro é abordado pela psicologia de forma mais direta, através de estudos muito semelhantes que falavam do dinheiro e de processos de individualização no casamento (Martínez, 2002) e negociações financeiras dos casais, em que ambos os membros trabalham remuneradamente (Coria, 2005).

Nosso olhar tem, como pano de fundo, o funcionamento conjugal na contemporaneidade através do uso e dos significados atribuídos ao dinheiro, mas,

para definirmos como seria a pesquisa e qual método usaríamos para compreensão dessa realidade, escolhemos a visão feminina, nesse primeiro momento, sem deixarmos de lado projetos futuros mais ousados, envolvendo o casal como um todo. Essa escolha inicial, que chamaremos aqui de estudo exploratório, aconteceu dessa forma por questões de prazo e de ponto de partida. Precisávamos delimitar a pesquisa a um horizonte de dois anos, condizente com o tempo determinado para a realização do mestrado e delimitar um tema novo e tão rico a algum ponto que nos permitisse amadurecer a idéia. Por isso, o caráter exploratório; e porque é um primeiro trabalho que aborda o tema do dinheiro no casamento, que esperamos poder contribuir enormemente para futuras pesquisas em Psicologia no Brasil.

Resumindo, nosso objetivo na presente pesquisa foi realizar um estudo exploratório sobre o dinheiro da mulher, mais especificamente, e suas implicações no casamento contemporâneo, no contexto brasileiro da classe média/alta carioca. A bibliografia discutida nos capítulos anteriores aponta para a necessidade de se desenvolver estudos desse tipo no Brasil. Mas, desde o início, nossa preocupação ao escolhermos a visão feminina era não escorregar para um discurso feminista, e sim poder compreender o uso que a mulher faz do seu dinheiro na barganha de decisões, antes, estritamente, masculinas.

As perguntas que nortearam nossa investigação foram: Como as mulheres percebem seu dinheiro no casamento e de que forma negociam conjugalidade e individualidade, através do uso que fazem do dinheiro? Como acontecem as relações de poder no casamento contemporâneo, com ambos os membros do casal ganhando seu próprio dinheiro?

Por ser um estudo exploratório, escolhemos um modelo qualitativo de investigação que nos ajudasse na compreensão das variadas formas de se lidar com o dinheiro e permitisse o surgimento de questões anteriormente nem imaginadas. A pesquisa qualitativa tem essa vantagem, uma vez que possibilita a escuta dos sujeitos de forma mais livre, orientada por um roteiro, porém mais descomprometida com hipóteses iniciais (Nicolaci-da-Costa, 2006). É preciso dar voz aos sujeitos, para que possamos aprender com eles seus valores, crenças, comportamentos e sentimentos em relação ao tema estudado.

## 5.1

### Metodologia

#### 5.1.1

#### Sujeitos

Definimos que seriam 12 mulheres<sup>13</sup> recém-casadas ou “recém-morando junto”, entre seis meses e três anos de união, estando ambos os membros do casal em seus primeiros casamentos, trabalhando remuneradamente, sem filhos e pertencentes à classe média/alta carioca.

A escolha por mulheres casadas (ou morando junto) pela primeira vez, estando no início de seus casamentos, foi baseada na intenção de se investigar como são as primeiras conversas sobre a divisão das contas comuns do casal, a que se destina o dinheiro de cada um, como organizam suas finanças (contas conjuntas ou individuais etc.); enfim, quais decisões são tomadas e que regras são estabelecidas para o cotidiano. Entretanto, mais do que apenas descrever tais decisões e regras, pretendíamos compreender como, ao longo do início de seus casamentos, essas regras iam sendo elaboradas e vividas pelas mulheres.

Não nos importava, exatamente, se o casamento era oficializado ou não, pois partimos do pressuposto que, quando um casal decide viver junto, estão implicadas aí uma organização e uma previsão de orçamento que ocorrem em ambos os casos. Consideramos até interessante observar se surgiria alguma diferença no entendimento do dinheiro como próprio ou comum por casais que oficializam, ou não, a relação. Este foi mais um dado ao qual ficamos atentos.

O período de seis meses a três anos de casamento foi delimitado assim, por imaginarmos já ter sido tempo suficiente para que algumas regras tenham sido negociadas e, até mesmo, renegociadas. Acreditamos, então, que esse é o período que atende aos propósitos da nossa pesquisa, uma vez que alguma vivência e interação já poderiam ser avaliadas.

Igualmente, importante é o fato de o casal ainda não ter tido filhos,

---

<sup>13</sup> Os perfis dessas mulheres são apresentados no Anexo III.

porque segundo Bowen (1998), toda mudança de fase natural do decorrer da história de vida familiar mexe com as estruturas do casal e a chegada dos filhos é uma dessas fases. Os gastos aumentam e novas negociações são feitas. O que queríamos investigar era a formação do casal, com aquilo que ele implementa de novo para a vida conjugal e o que ele traz de sua história passada, de sua própria família. Afinal, como vimos anteriormente, o casal não é um sistema que se cria sozinho, mas sim um terceiro sistema que se forma, a partir do que cada membro traz de suas famílias de origem: quais expectativas e vivências cada um leva para o próprio casamento, muitas vezes, sem tanta consciência (Andolfi, 2002).

O perfil sócio-econômico referente ao público-alvo de nossa pesquisa foi escolhido, por considerarmos, de acordo com a literatura consultada, que a grande novidade do casamento contemporâneo são o trabalho remunerado e o desejo por uma carreira profissional por parte de mulheres de classe média/alta. Por isso, só iremos entrevistar mulheres, em cujas relações conjugais ambos os membros do casal trabalhem remuneradamente. O importante para a seleção do perfil das mulheres que participariam da pesquisa foi a confirmação de que, pelo menos, ganhassem alguma coisa, mesmo estando no início de uma carreira ou negócio.

### **5.1.2**

#### **Cuidados éticos**

As mulheres foram, devidamente, informadas de que participariam de uma pesquisa acadêmica e de que tais resultados seriam analisados e divulgados no trabalho, mas seus nomes seriam mantidos em sigilo. Para isso, solicitamos que todas assinassem um termo de concordância.

### 5.1.3

#### **Tipos de dados buscados**

Os dados que desejávamos coletar diziam respeito, não só ao que revelaram sobre sua organização financeira, mas, principalmente, à forma como comunicavam satisfações e insatisfações em relação ao dinheiro no casamento. Com isso, pretendemos responder as perguntas iniciais deste trabalho.

### 5.1.4

#### **Forma de coleta de dados**

A coleta dos dados se deu através de entrevistas semi-estruturadas, cujo roteiro compõe o anexo II deste trabalho.

### 5.1.5

#### **Procedimento**

Selecionamos 12 mulheres, que atendiam ao perfil proposto, através da indicação de amigas próximas. Após essa seleção, entramos em contato, sem dizer que a pesquisa tratava do tema dinheiro no casamento, comentando apenas se referir ao início da vida a dois. Com isso, tínhamos por objetivo não prepará-las previamente para o assunto, deixando que surgissem, de forma mais espontânea, reações e pensamentos no momento da entrevista.

Primeiramente, as entrevistadas preencheram uma ficha de cadastro<sup>14</sup>, onde informaram alguns dados importantes como as profissões delas, dos maridos e de seus pais, tipo de renda – salário fixo ou autônomo –, representatividade de cada membro do casal na contribuição para a renda familiar e etc. Tais dados nos ajudaram a conhecer melhor o contexto de vida dessas mulheres.

---

<sup>14</sup> Ver Anexo I.

As entrevistas seguiram a orientação de um roteiro previamente pensado e foram gravadas com um gravador de voz. Para isso, pedimos o consentimento das entrevistadas, porque, posteriormente, as entrevistas seriam transcritas na íntegra com risos, pausas, “informações extra-oficiais”<sup>15</sup>, entonações de raiva e satisfação. Na hora da análise das entrevistas, tudo seria analisado e correlacionado.

O lugar escolhido para a entrevista ficou a cargo da melhor conveniência para as participantes.

### 5.1.6

#### **Análise dos dados**

Os resultados foram analisados a partir do Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS), proposto por Nicolaci-da-Costa (2006), através do qual a entrevista acontece como conversa. O MEDS é uma forma de registro explícito que ressalta o papel que a linguagem (o discurso) desempenha em seu contexto. Ao internalizarmos uma língua nos contextos em que ela é naturalmente usada, internalizamos todo um conjunto de conceitos, regras, valores etc. que caracterizam uma determinada sociedade ou grupo social em determinado período.

Além disso, o MEDS entende o discurso como algo que nos constrói e reconstrói como sujeitos, em conformidade com os valores sociais dos grupos aos quais pertencemos. Aquilo que é importante para alguém a respeito de um determinado tema ou assunto, inevitavelmente, aparece no seu discurso espontâneo sobre o mesmo. Para isso, é preciso ouvir o que os entrevistados têm a dizer, de forma livre, em contextos naturais, com seus conflitos e contradições. O exercício da conversa se dá assim, com aproximações e distanciamentos necessários para o conhecimento de algo novo, muitas vezes, presente em nosso dia-a-dia.

Portanto, o objetivo desse método de pesquisa qualitativa é poder ouvir e

---

<sup>15</sup> Aconteceu, em três entrevistas, de as mulheres, após o gravador ser desligado, contarem uma situação recente de conflito por causa de dinheiro. Mesmo para aquelas que, anteriormente, tinham falado que não discutiam por esse motivo. Esses dados serão abordados mais adiante na análise dos resultados, a partir da página 44.

captar, detalhadamente, aquilo que pretendemos investigar. Para tanto, é construído um roteiro que serve de base para a entrevista, mas que se propõe estar “escondido”, apenas na cabeça do entrevistador, para não prejudicar o andamento da entrevista. Dessa forma, é possível captar o conteúdo que irá surgir ao longo da conversa, com o “intuito de trazer à tona transformações e conflitos psicológicos que, muitas vezes, não são verbalizados explicitamente pelos entrevistados porque eles próprios não têm consciência” (Nicolaci-da-Costa, 2006).

## 5.2

### Análise dos resultados

Antes de darmos início à entrevista, propriamente dita, distribuímos para cada participante uma ficha de cadastro<sup>16</sup> para preenchimento com algumas informações importantes. Privilegiamos, nesse cadastro, saber um pouco mais sobre: se o apartamento onde o casal mora é próprio ou alugado; se algum dos cônjuges ou ambos já morava sozinho antes do casamento; se moraram juntos antes de oficializar a relação; estado civil e profissão dos pais de cada membro do casal.

Esses dados foram bastante relevantes, pois, em termos práticos, no momento em que um casal decide se casar ou morar junto, a primeira providência a ser pensada é a moradia. O que descobrimos foi que, das doze entrevistadas, apenas três – Lúcia, Gabriela e Juliana<sup>17</sup> – moravam de aluguel, sendo que Lúcia, na época da entrevista, arcava sozinha com o aluguel, Gabriela não contribuía para a quitação desta despesa e Juliana dividia 50% com o marido; as outras nove entrevistadas moravam em apartamento próprio. Dessas nove, apenas duas – Bruna e Talita – compraram o apartamento junto com o marido, as sete restantes tiveram ajuda dos pais, em sua maioria, dos pais do marido, para comprar o apartamento.

---

<sup>16</sup> Ver Anexo I.

<sup>17</sup> Os nomes das entrevistadas foram trocados, de forma a manter suas identidades em sigilo, para efeito da divulgação dos resultados da pesquisa, conforme previamente acordado.

Em relação à questão do casamento jurídico ou coabitação, três entrevistadas – Lúcia, Juliana e Rafaela – moram com seus maridos, atualmente, sem oficializar o casamento. Juliana era a única, dentre elas, que estava com data marcada para a cerimônia. Os outros dois casais não pensam em casamento jurídico. Lúcia até gostaria de oficializar a relação conjugal, mas o marido é contra, como veremos mais adiante. Dentre todas as mulheres entrevistadas e seus pares, somente os maridos de Juliana, Sabrina e Rafaela moraram sozinhos antes da vida a dois, pois todas as outras mulheres e homens saíram da casa dos pais direto para o casamento. Quanto a morar junto antes de se casar, Daniela foi a única dentre as mulheres casadas de nossa pesquisa que passou por essa experiência.

Sobre os pais das participantes e os de seus maridos, em média, 60% permanecem casados. Além disso, 50% das mães, tanto dos homens, quanto das mulheres, não exerceram mais suas profissões depois que tiveram filhos. Dos 50% de mães que continuaram trabalhando, 30%, aproximadamente, exerciam profissões destinadas tradicionalmente, à mulher, como as de professora ou costureira. Apenas 4 mães – tanto dos homens, quanto das mulheres – trabalhavam e contribuíam com uma parcela significativa da renda familiar. Lúcia – nossa única entrevistada que ganha mais que o marido – é filha de uma empresária que também ganha mais que seu pai. Consideramos fundamental esse conhecimento para compreendermos qual o contexto de vida de nossas entrevistadas e que tipo de influência e vivência absorveram de suas famílias de origem.

Quando pensamos no roteiro<sup>18</sup> – que nos guiaria nas principais questões levantadas ao longo da revisão bibliográfica –, nossa maior preocupação era não iniciar a entrevista com o tema do dinheiro propriamente dito, a fim de observarmos em que momento ele seria abordado pelas participantes. A espontaneidade sobre o assunto poderia-nos indicar sua relevância e importância no casamento de cada uma delas. Baseado nisso, nossa pergunta inicial – aquela que desencadearia toda a entrevista, posteriormente – relacionava-se ao momento da decisão pelo casamento ou coabitação. Acreditávamos que o dinheiro poderia surgir já nessa primeira abordagem, uma vez que os casamentos de classe

---

<sup>18</sup> Ver Anexo II.

média/alta, hoje, estão acontecendo mais tarde, muito em função da prioridade pela estabilidade profissional e financeira. E, de fato, o dinheiro foi mencionado em dez das doze entrevistas.

De acordo com as respostas, a condição financeira do homem – e, não necessariamente, a da mulher – foi imprescindível para a escolha pelo momento adequado para o casamento. Porém, três mulheres – Bruna, Daniela e Talita – ressaltaram que a estabilidade financeira delas seria igualmente condição para saírem da casa dos pais e serem independentes, inclusive, do futuro marido.

BRUNA: “[A decisão pelo casamento] Foi quando o meu marido terminou o mestrado, ele tinha passado num concurso, conseguiu uma estabilidade financeira e eu também já estava bem no meu trabalho, estava ganhando bem e, aí, resolvemos nos casar, depois que nós alcançamos essa possibilidade financeira. Porque era importantíssimo para mim sair da casa dos meus pais com condições para me sustentar independente do meu marido.”

DANIELA: “(...) O decisivo era... primeiro, a gente se formar, que a gente se conheceu na faculdade, não tinha trabalho e tal. E assim que a gente se formou, a idéia era casar logo depois de formado. Mas a gente demorou para se estabilizar financeiramente. Então, assim, a nossa meta era estabilidade financeira, uma independência financeira, tanto dele, quanto minha, suficiente para ter uma vida com um padrão legal assim... que a gente achava que era bom para gente. Os dois queriam a mesma coisa.”

TALITA: “Depois que eu me formei, ele já estava formado, ele é três anos mais velho do que eu, a gente começou a pensar em quando poderia ser, mas, mesmo assim, sem definir datas, vendo, primeiro, a viabilidade de dinheiro e tudo mais. Quando eu estava com um ano de formada, eu já estava... Ele já era, há quatro anos, formado, ele já estava sendo promovido na empresa, eu já estava conseguindo tirar meu dinheirinho como advogada, e a gente começou a fazer uns cálculos. (...) E aí foi que a gente resolveu fazer mesmo. (...) Tivemos o apoio da minha mãe para ajudar com a festa de casamento e tudo mais e a gente marcou o casamento para um ano e meio depois, que era o tempo que a gente imaginou que conseguiria ver apartamento, ir pagando as coisas do casamento parcelado... e tempo para eu ganhar mais e me estabilizar melhor no escritório.”

Outras mulheres, como Alice, Sabrina e Beatriz, por exemplo, enfatizaram a importância de sua vida profissional, mas a condição financeira dos maridos prevaleceu sobre a delas na decisão pelo melhor momento para o casamento.

ALICE: “Isso não foi decidido por nós dois. Eu fui pega de surpresa, na verdade. E eu acho que isso foi totalmente consciente da parte dele, porque ele sabia que isso ia ser complicado pra mim, se ele viesse com uma conversa sobre casar, do tipo: ‘vamos pensar junto’. Eu provavelmente ia dizer que não. Porque eu tinha me formado, [es]tava recém-formada, eu sou psicóloga, e não ganhava nada. (...) Eu acho que ele fez surpresa pra criar uma situação em que eu não tivesse muito em que pensar. Tanto que minha primeira reação foi jogar a aliança em cima dele e falar ‘O que é isso? O que está acontecendo? Como vamos nos casar?’ Ele até ficou super incomodado com essa minha reação, achando que eu ia negar. Foi uma surpresa realmente. (...) Eu pensava em casar, mas achava que seria em outro momento, não naquele onde eu ainda não tinha estabilidade, porque, na minha cabeça, eu só iria me casar quando eu tivesse o meu dinheiro. Claro que eu queria me casar com ele, mas eu queria me ver em outra situação. Não era nem por ele, porque eu sei que ele tinha para bancar nós dois, mas era por mim. Eu queria ter o meu dinheiro. Eu hoje tenho cinco anos de formada, o dinheiro ainda não chegou a ponto de me dar uma estabilidade financeira, mas, enfim, já me sinto diferente.” (Três anos de casamento.)

SABRINA: “Nós estávamos namorando há um ano e pouco, quando ele recebeu uma proposta de trabalho em outro Estado. Ainda não pensávamos em casamento, era muito cedo, mas a estabilidade... sabe, me lembro que várias pessoas comentaram que seria bom para a gente... mas o emprego era em outro Estado e nós precisávamos vencer essa barreira primeiro. Não sabíamos como seria ficar morando em lugares diferentes. (...) Mas ele precisava voltar, já que o emprego dele tinha chance de voltar para o Rio, ele precisava estar aqui. O meu trabalho é autônomo, até iria para lá, se fosse necessário, mas começar tudo do zero... não queria ir para lá e depender dele... e depois se ele voltasse... lá ia eu mudar tudo de novo na minha vida... desse jeito não pararia em trabalho nenhum. Não queria ser dessas mulheres, sabe, dessas que estão sempre acompanhando o marido e acabam não trabalhando. Não me sentiria bem. Trabalhar é muito importante pra mim, mas a estabilidade que ele estava alcançando seria ótima para nós dois.”

BEATRIZ: “(...) o pedido do casamento aconteceu num momento em que eu não esperava, entendeu. E, aí, depois do pedido é que a gente foi fazer as contas, pra ver a conta que ele fez, e fui ver o que eu tinha pra contribuir e decidimos, realmente agora vai dar pra casar na data mais ou menos que ele tinha planejado quando fez o pedido. Então, assim, não foi uma coisa muito planejada de sentar e fazer conta, não. Foi assim: ‘ah, agora eu terminei minha residência (*ele é médico*) e eu tenho essa e essa perspectiva de emprego. Você já está trabalhando há mais tempo, quanto você pode tirar do seu trabalho?’ Aí, eu falei ‘tanto’, era bem menos que ele, mas juntando com o dele dava.”

Já para Rafaela, a decisão por esse momento foi mais da parte dela. Ela se mudou para o apartamento do namorado, no momento em que poderia contribuir com a casa e ficar independente financeiramente para dar esse passo. Ele, 12 anos mais velho que ela, solteiro, morava em um apartamento próprio e tinha mais estabilidade. Importante notar que esse casal não fala de casamento jurídico, pensa somente em continuar morando junto.

RAFAELA: “Decidi que me mudaria para a casa dele no momento em que recebi uma oferta de trabalho irrecusável. (...) Uma vez aceita a oferta de trabalho, eu conseguiria conciliar a realização profissional – que vinha planejando há tempos – com a realização pessoal de morarmos juntos. Para mim, as questões mais relevantes para a tomada de decisão foram o upgrade profissional que eu daria em minha carreira, o upgrade financeiro que o novo salário proporcionaria na minha vida, a facilidade em concretizar a mudança, uma vez que ele já tinha apartamento próprio, e maior profundidade e envolvimento em nosso relacionamento.”

Por outro lado, outra de nossas entrevistadas ainda não se casou juridicamente por conta da situação financeira do marido. Eles moram juntos, ela ganha mais que ele (ela – Lúcia – contribui com 60% da renda familiar), mas a melhora financeira do marido é condição para ele pensar em casamento. Lúcia diz que tem muita vontade de se casar, mas entende a posição dele, muito mais hoje do que no começo. Apesar de dividirem as contas do apartamento onde moram e não contarem com a ajuda dos pais, o casamento jurídico, para esse casal, estaria vinculado à melhora financeira dele, não sendo a dela suficiente para tal. E Lúcia justifica esse comportamento comentando, que ele gostaria que tudo fosse feito segundo “moldes de uma família estável”, o que, naquele momento, não estava acontecendo, pois quem era estável e responsável por prover a casa era ela. Mais adiante – na discussão da categoria de análise 5.2.1 –, Lúcia comenta o quanto estava sendo difícil para seu marido não ganhar dinheiro como gostaria.

LÚCIA: “Eu tinha muita vontade de casar com ele. E de certa forma eu tinha essa expectativa. Mas, pra ele, casar significa estar financeiramente estável. E ele hoje é completamente instável. Hoje, menos do que na época que a gente começou a morar junto. Ele quer entrar numa companhia aérea, aí sim seria o momento de casar. Ele sempre quis pagar uma festa e fazer tudo dentro dos moldes de uma família estável. Eu acho que eu fui me adaptando a essa idéia, uma hora a gente casa. Eu me sinto muito mais casada hoje. Antes eu tinha dificuldade de falar meu marido, mas hoje me sinto casada. Isso foi construindo o sentimento de que eu sou casada.”

Carolina foi a única mulher de nossa pesquisa que, na época do casamento, deixou o próprio emprego, para acompanhar o marido em viagem para o exterior. Hoje, de volta ao Brasil, ela está trabalhando em sua área profissional, mas diz que, na época, nem pensou duas vezes.

CAROLINA: “O fundamental para a nossa decisão de casar, foi a viagem que ele ia fazer na época para a Inglaterra. Eu não sei se não tivesse a viagem, se a gente teria casado naquela ocasião. Claro que teria casado, mas não naquele momento. Ele tinha juntado dinheiro para isso, era uma oportunidade de melhorar as chances dele aqui no Brasil, e eu larguei meu emprego aqui e fui com ele, nem pensei muito.”

Apenas duas mulheres – Gabriela e Juliana – deram respostas relacionadas ao momento amoroso do relacionamento, não sendo mencionada a questão financeira.

Como vimos, a tendência entre nossas entrevistadas para a escolha do melhor momento para o casamento ou coabitação baseou-se, essencialmente, na situação profissional e financeira do homem. Mesmo para a única mulher entre nossas entrevistadas que ganha mais que o marido, a decisão pelo casamento jurídico permanecia ancorada à melhora financeira dele. O papel de provedor e primeiro responsável pelo sustento da família e da casa ainda parece estar vinculado ao papel masculino.

Acompanhando, pelo anexo III<sup>19</sup>, o perfil das entrevistadas, podemos perceber que o tempo de namoro da maioria delas foi longo, com alguns chegando a 8 anos, antes do casamento. Portanto, é interessante, para os objetivos dessa pesquisa, entender quais diferenças foram percebidas em seus relacionamentos, partindo dos conceitos abordados por MacGoldrick (1995) sobre o ciclo de vida familiar, em que, a cada mudança de fase, nasce uma nova configuração, uma nova situação para o casal e, conseqüentemente, para a família, com sentimentos, expectativas e dinâmicas próprias.

O aumento da intimidade, o convívio, a rotina de ter a pessoa a qualquer momento e as tarefas domésticas foram apontadas como as principais diferenças sentidas pela maioria, mas nada que indicasse grandes desavenças. Os fatores que mais foram apontados como geradores de conflito foram a decoração da casa e a organização do espaço comum. Já o dinheiro não surgiu em momento algum como tema relevante para essa questão. Por mais que as finanças do casal sejam um ponto importantíssimo dessa fase da vida, não foram apontadas como motivo de conflito ou diferença do namoro para o casamento, nessa pergunta inicial.

Seguem alguns exemplos:

---

<sup>19</sup> Ver Anexo III.

BRUNA: “[Mudou] Convívio, né? O convívio todo dia. Você começa a enxergar mais de perto a pessoa. (...) A diferença que tinha, a essencial, era um pouco da falta de intimidade, a gente tinha intimidade claro, depois de um relacionamento de tantos anos, mas a intimidade do dia-a-dia... aquela coisa do te pegar ao acordar, no meio do dia, e na hora de dormir. Isso aí é um choque muito grande. Agora a gente já tem uma rotina, já tem uma coisa do tipo aqui é o meu espaço. Assim, a gente já deu uma alterada legal do início para agora. Outra coisa que tivemos que aprender a lidar melhor foi a respeito da decoração. Descobri que meu marido gosta de escolher tudo junto. Isso, às vezes, gera um estresse. Porque nem sempre concordamos.”

BEATRIZ: “Não combinar o encontro. Ter essa coisa decretada que a pessoa vai estar ali. Às vezes, isso é bom. Às vezes, isso é ruim. Porque ou você não quer estar ali com a pessoa, ou, às vezes, você quer estar e a pessoa não quer. E como está estabelecido que, no momento seguinte, ela vai estar, você não se preocupa muito em tornar aquele momento especial. Então, isso é uma coisa que, às vezes, me incomoda. (...) Uma coisa engraçada também é que, no início do casamento, eu até brinquei com ele, eu disse que a gente [es]tava demarcando território, a gente parecia dois cachorrinhos na casa nova, demarcando o território, né? Eram coisas muito pequenas e, ao mesmo tempo, muito grandes, no sentido de... é, a gente [es]tava vindo cada um com sua cultura familiar, entrando num ambiente que era novo para os dois, né. E que a gente ia ter que dividir o espaço. Então, tudo teria que ficar funcional pros dois. Não adiantava eu chegar e impor um monte de coisa, nem ele chegar e impor um monte de coisa. Isso desde onde vamos colocar os copos até outros aspectos da decoração da casa.”

GABRIELA: “Eu senti muita diferença. Sei que, para o meu marido, o silêncio foi o que ele mais reclamava. Ele veio de uma família com a casa cheia, muito alegre, onde as pessoas conversavam o tempo todo e, de repente, têm só nós dois em casa. Para mim, em relação a essa parte, sair da minha casa foi ótimo, não senti falta nenhuma, desse jeito que ele fala. Mas, da nossa relação, eu acho que a gente já dormia quase todo dia juntos, ou na casa da mãe dele ou na casa dos meus pais. Mas, apesar dessa convivência, em que parece que você já conhece tudo da pessoa, já sabe o que o outro gosta, sei lá... Vou dar um exemplo: na verdade, não é nem assim, colocar a toalha em cima da cama, porque isso, de certa forma, já tinha na casa dos pais dele. Mas acho que é principalmente assumir responsabilidade, acho que o que a gente sentiu mais é que os dois, cada um na sua casa, era muito mimadinho pelas suas respectivas mães. Então, quando a gente casou, a gente teve que se responsabilizar e, normalmente, nenhum dos dois gostava de arrumar nada, nenhum dos dois gostava de lavar uma louça...”

JULIANA: “(...) Agora, o que mais mudou... a gente já era muito próximo antes, mas, então, mudou essa coisa do convívio mesmo. Mas a parte que eu acho ruim... é, assim, clássica de casamento, você não usa tanta ‘pompa e circunstância’ para ver a pessoa. Como entra no dia-a-dia, às vezes, a gente tem que se ajustar ainda um pouco, eu fico me sentindo mais sozinha, mais ignorada do que antes, digamos assim, né. Porque a pessoa chega em casa, ela está no dia-a-dia dela, né. Aquilo que a gente sabe. Você está encaixada naquele dia-a-dia. (...) Ainda tem esse lance da casa... rola muito ter que tomar providência, ainda mais na hora de montar, nisso rolou muito estresse no início, os primeiros três meses foram difíceis por causa disso. Foi um estresse, sabe. E pesou muito para mim, porque eu estava trabalhando pouco e ele, trabalhando

para caramba. Só que eu não estava aguentando fazer tudo, entendeu. Só sobrava para mim. E eu estava sentindo, que estava fazendo tudo sozinha, estava me sentindo muito desamparada. Aí, eu fiquei mal. Mas depois melhorou porque as coisas começam a andar. Ele começou a participar mais, mas eu acho que o lance de não ter espaço de namoro, digamos assim, que a gente tenta, mas não é a mesma coisa. Isso eu acho que muda para o lado pior, mas, ao mesmo tempo, você fica mais unido com a pessoa.”

Somente com essa primeira leitura do que foi a experiência com as entrevistadas, podemos constatar a riqueza do material adquirido. Muitas questões surgiram e as respostas das entrevistadas foram preciosas. Para facilitar a análise, seguindo o método MEDS (Nicolaci-da-Costa, 2006), algumas categorias emergiram do discurso que proporcionarão nosso aprofundamento na discussão dos principais pontos abordados ao longo de todo o trabalho.

As categorias encontradas, e que serão comentadas com maior detalhamento logo em seguida, foram:

5.2.1) Primeiras combinações da vida a dois: divisão das contas e decisões sobre supérfluos e necessidades do cotidiano;

5.2.2) Administração financeira: conta conjunta ou separada? A mulher vê seu dinheiro como comum ou como próprio?;

5.2.3) Significados atribuídos pela mulher ao seu dinheiro;

5.2.4) Família de origem: valores e influências;

5.2.5) Comunicação e relações de poder no casamento através do dinheiro: quais processos se produzem no casal para resolver as questões acima.

Vejamos a seguir:

### **5.2.1**

#### **Primeiras combinações da vida a dois: divisão das contas e decisões sobre supérfluos e necessidades do cotidiano**

Evidentemente, quando um casal se casa ou vai morar junto, duas das questões mais presentes em seu cotidiano são a distribuição das contas da casa e a conciliação de objetivos comuns e individuais. O planejamento financeiro foi apontado, pela maioria das entrevistadas, como algo que já começa antes do casamento, ainda no processo de tomada de decisão para a união, mas é a prática

do dia-a-dia que testa seu funcionamento. Com Cláudia e Talita, foi assim: no início, elas, juntamente com seus maridos, pensaram em algo como 50% das contas cada um, independente de não ganharem exatamente a mesma coisa. Mas o cotidiano mostrou que não precisavam ser tão rígidos.

CLÁUDIA: “No começo, a gente dividia 50%, mas era uma confusão. Era assim, somava o gasto de tudo, mas tinham contas que venciam em dias diferentes. Aí, então a gente dividia. Então, no final do mês a gente acertava a conta, depositando um na conta do outro. Isso foi inviável, porque tinha que lembrar de pegar as contas todas, e não funcionava, não era prático. Passada essa fase, a gente resolveu dividir quem paga o quê, porque aí vem a conta e a gente já pega o que for de cada um.” (3 anos de casamento)

TALITA: “No início, a gente até fazia assim, meio-a-meio, as contas deram tanto e cada um paga metade. Hoje em dia, já é uma coisa mais misturada. Não dava muito certo ficar naquela coisa muita rígida. Hoje somos mais tranquilos em relação a isso. [Nós] nos ajudamos muito mais.” (3 anos de casamento)

Juliana, por sua vez, ainda no início de seu casamento (com apenas seis meses de coabitação), mantém essa prática de acertar as contas no final do mês e deixar tudo bem estabelecido. Essa entrevistada acha importante manter os 50% de responsabilidade de cada um, pois é a família dela que tem mais dinheiro e ela não gosta de assumir uma posição de “bancar tudo”, como ela mesma mencionou. Aconselhada pela mãe, prefere não passar a idéia para seu marido de que ele pode se acomodar porque será “coberto” pela família dela, quando alguma coisa apertar. Em termos de salário, essa entrevistada não ganha muito, mas recebe um dinheiro mensal da mãe que a ajuda a manter o padrão de vida que possuía antes de sair de casa.

JULIANA: “(...) ele vai pagando as contas e depois a gente acerta. Mas eu estou pagando muita coisa ainda, porque eu estou fazendo a parte de montar a casa. Então, eu compro muita coisa e acerto tudo com ele. E ele paga as contas e acerta comigo. Alguém está sempre devendo a alguém, geralmente sou eu que estou devendo para ele, eu pago. Vai acertando mesmo. Vai acertando assim literalmente. Você pagou isso, mais isso, mais isso. Tudo direitinho na ponta do lápis. Mas não é tudo. A gente acerta meio a meio o que é comum. Contas de casa, basicamente. (...) Eu acho que... a minha mãe ... é engraçado.... o discurso da minha mãe, ela, hoje em dia, é muito.... ela acha que a gente não pode dar muito mole pra homem, não. Ela acha que as experiências que ela teve exatamente mostraram para ela que isso não é positivo. Mas o exemplo que ela passou foi sempre... na verdade, ela basicamente sustentando tudo. Eu acho que com o meu pai, primeiro marido dela, eles dividiam porque na época ela ainda não tinha herdado nada, então eles eram basicamente iguais. Mas, no

segundo casamento, ela bancava tudo. Ele não tinha grana na época, então, ela era muito mais rica que ele.”(6 meses de coabitação)

Bruna e Rafaela também dividem as contas em responsabilidades iguais para ambos os membros do casal, não de maneira tão rígida a ponto de calcularem cada coisa, mas de forma que fique justo e que elas sintam a casa como responsabilidade delas também. Após arcarem com as obrigações das contas comuns, cada uma administra com total liberdade aquilo que deseja realizar com o dinheiro que sobrou. Essas mulheres relatam possuir autonomia sobre suas decisões.

BRUNA: “É tudo dividido. Então, por exemplo, ele fica com a NET. A NET, juntando Internet, dava uma soma ‘x’ e da minha parte era o telefone e a luz. Aí a gente olhando dava mais ou menos a mesma coisa. Então, ele ficou com a NET e com o gás e eu fiquei com a luz e o telefone. Entendeu? Tentando equivaler os valores. Mas eu tenho minha conta e meus investimentos. Converso com ele quando penso em algo grande, como trocar de carro, procuro saber se é o melhor momento para nós dois, mas eu decido o que fazer no final.”

RAFAELA: “Lidamos com dinheiro da seguinte maneira: cada um possui sua renda. Dividimos as despesas e o que sobra do salário de cada um é de sua própria conta. Possuímos contas separadas no banco, cartões de créditos separados também. Cada um possui seu investimento financeiro também separado. Ele não controla minha vida financeira e eu não controlo a dele. Cada um é livre para gastar seu dinheiro no que quiser, depois de pagarmos as contas comuns da casa.”

De todas as entrevistadas, apenas duas, Gabriela e Carolina, não se interessam por administrar seu dinheiro e delegam aos maridos essa tarefa.

GABRIELA: “Surgia muita discussão no início, muito mais do que agora. Agora a gente chegou num meio termo. Eu mudei muito em relação a dinheiro. Ele sempre foi muito mais econômico e eu não tinha muito controle de dinheiro. Ele é médico e é o homem da casa. Eu sou fisioterapeuta, mas, no fundo, estou casada, posso deixar as coisas andarem mais devagar. Ele não... ele se preocupa muito o tempo todo. Com razão, ele tem muita preocupação com futuro, de guardar dinheiro. Acho que ele administra bem o dinheiro, porque ele olha sempre a conta, ele vê sempre, não sei se todo dia ou com que frequência. E eu, simplesmente, não olhava. Hoje em dia, não é mais assim. Bom, hoje em dia sou mais econômica, mas não olho muito a conta ainda não. (...) A gente teve que sentar muito para conversar, a gente tem um livro preto (e ri) que a gente já sentou 20 vezes para fazer e a gente nunca segue nada. A gente sentava para organizar e não cumpria, sentava de novo e não cumpria, sentava e nada... mas não cumpria os dois, a gente criava metas que, realmente, não seriam alcançáveis, que não eram reais... com o tempo, por outras coisas

que foram acontecendo em nossa vida... porque a gente teve um baque profissional. (...) Eu mudei tanto minha postura, internamente, que outro dia a gente estava na livraria e ele ia comprar um livro, mas, antes, olhou para mim e perguntou: ‘Pode?’ Os dois riram. Normalmente, eu que perguntava. Hoje em dia, eu é que estou mais pão-dura do que ele até. Durante esse tempo de casamento, nós mudamos para melhor a maneira de discutir o dinheiro. Mas, ainda é ele quem olha mais a conta, não tem jeito. Eu não gosto. Estou melhor que antes, mas ainda não que nem ele.”

CAROLINA: “Eu sou uma ‘zero a esquerda’ dessas coisas de banco. Para você ter uma idéia, eu não sei a senha nem da Internet. O meu marido me enche o saco, ele fala: ‘Faz sua conta agora’. E eu falo: ‘Não, tenho que ir no caixa eletrônico’. ‘Então, você vai no caixa eletrônico agora, qual o seu problema?’, ele resmunga. Eu não vejo extrato, vou no ‘achismo’, eu acho que eu tenho ‘tanto’. A gente, uma época, tinha conta conjunta. Mas ele começou a ficar enlouquecido. Aí, ele saiu da conta, de uma conta que era dele de anos, para deixar comigo. Ele fica, totalmente, apavorado de estourar a conta dele e eu fiquei apavorada, quando ele tirou a conta conjunta. Porque, de uma certa forma, não é que eu queria usar o dinheiro dele, de jeito nenhum. Imagina, nunca usei. Mas era uma segurança de que, já que eu não controlo, se estourasse alguma coisa, ficaria mais fácil. Ele daria um suporte ali. Mas, aí, a conta ficou só minha. Eu tô olhando um pouco mais, eu juro... Ele tem acesso a minha conta, mas ele não olha, entendeu? Tem algumas coisas que estão em débito automático que são dele e ele tem que depositar alguma coisa, entendeu. Daí, ele tem que depositar alguma coisa, mas é surreal.”

As outras dez entrevistadas dizem-se organizadas com o próprio dinheiro, inclusive estando à frente de sua decisão; dado que contraria o que Coria (2005) discute sobre a falta de autonomia feminina em relação ao seu dinheiro.

DANIELA: “Eu é que sei mais do dinheiro do que meu marido. Foi naturalmente que isso aconteceu, porque eu sou muito mais pé no chão. Na verdade, eu tenho a característica de ser planejadora, assim. Eu planejo tudo. Tenho tudo muito planejado. Para a minha profissão é até bom, assim. Eu sou muito planejada. Eu planejei que, daqui a um ano eu quero ter um filho, que, daqui a três meses, eu vou terminar de arrumar a minha casa. Enfim, eu planejo muito as coisas. Enfim, e ele já é uma pessoa do tipo ‘deixa-a-vida-me-levar’: ‘Ah, vai dar tudo certo, tudo vai dar certo.’ [Eu] não. Eu já sou ‘tudo vai dar certo’, desde que esteja tudo organizado. Eu assumi isso porque é uma característica minha. A casa, eu que organizo, eu que sei onde está tudo; o dinheiro, eu que administro, entendeu? Porque ele é meio, assim, avoadado.”

Como podemos perceber, algumas dessas dez mulheres ainda ressaltam que, entre os dois do casal, elas são mais organizadas e controladas que seus próprios maridos. Vejamos mais dois exemplos:

BEATRIZ: “Sou eu que tenho controle da situação. O controle total. Ele nem sabe quanto é que tem no banco. Quando ele quer fazer alguma coisa ele

pergunta pra mim: ‘Dá pra comprar?’; ‘Tem dinheiro?’; ‘Eu posso comprar não sei o quê?’; ‘O que que você acha, dá pra comprar não sei o que agora?’. Eu falo: ‘Não, agora não, segura um pouquinho’; ‘Agora, esse mês, a gente [es]tá apertado, [porque] a gente comprou isso e isso...’. Ele não compra nada sem me perguntar.”

CLÁUDIA: “Meu marido não tem o controle financeiro, quem tem sou eu. Eu sou muito mais organizada. Eu tenho tudo certinho. Ele é que me pergunta se pode comprar alguma coisa.”

As mulheres que conquistaram autonomia sobre sua vida financeira, parecem, de fato, possuir maior liberdade de decisão em seus casamentos, do que aquelas que delegam a administração de seu dinheiro aos maridos. O controle do próprio dinheiro traz um respaldo enorme à individualidade dos membros do casal e, nesse raciocínio, Coria (2005) observa que, para algumas mulheres, a independência financeira, não necessariamente, promove autonomia: esta irá depender da maneira como as mulheres se comportam diante do próprio dinheiro. Então, para considerar que a mulher tem autonomia sobre o seu dinheiro, não basta considerar apenas que ela agora o está ganhando, mas é preciso ter autonomia sobre sua decisão.

Observamos que as mulheres dizem haver mais conflitos, quando o controle financeiro está nas mãos dos homens, do que ao contrário. Isto porque as mulheres que comentaram saber mais da conta do casal que seus próprios maridos não avaliam os gastos deles como irracionais, mesmo que eles estejam efetivamente gastando mais do que elas. Já, quando os homens detêm esse controle, tendem, segundo elas, a considerar as mulheres descontroladas com o dinheiro. De certa forma, encontramos esse estereótipo do descontrole consumista feminino entre as próprias mulheres entrevistadas, pois na fala de duas delas, ao mencionarem que não são consumistas, se definiram como “muito diferente da maioria das mulheres”. A necessidade de comparação com outras mulheres para explicar o quanto são diferentes confirma um imaginário social que, provavelmente, influencia a prevenção dos maridos de não deixarem suas esposas exagerarem no consumo de objetos pessoais, como vestuário e acessórios. Em termos financeiros, os gastos das mulheres podem ser até menores, mas elas falam sobre o medo de que seus maridos têm delas se descontrolarem. Não temos exatamente o valor dos gastos pessoais das mulheres que participaram da pesquisa, mas temos relatos de nossas entrevistadas, que sugerem que o objetivo

de consumo dos homens está mais ligado a status: com relógios, carros, restaurantes, viagens; e o das mulheres, mais ligado a consumo estético: roupa e decoração da casa. Abaixo, seguem dois exemplos, o de Cláudia e o de Bruna. Cláudia é quem detém o controle financeiro do casal. Mesmo possuindo contas separadas, é mais organizada e controlada que o marido.

CLÁUDIA: “Eu gasto muito para casa. Se eu vejo um objeto para casa, eu compro. Mas, hoje em dia, se eu vejo uma blusa, eu penso que pode ter uma parecida dentro do armário e não compro. Mas o meu marido gosta mais de comprar roupa. Se bem que é numa época do ano. Porque não tem muita paciência de rodar no shopping; então, quando está precisando, ele vai e compra tudo de uma vez. As mulheres gastam mais tempo olhando, podem escolher, deixar para depois. Ele não. Tem um evento no trabalho, não tem roupa, vai no shopping e compra. Mas a gente não tem estresse por causa do dinheiro, não. Mesmo ele gostando de comprar sempre um joguinho novo, eletrônicos, eu respeito. Com isso, aí, ele gasta, mas não chegamos a ter problema com isso, não. Ele gosta muito de carro também, mas o dinheiro é dele. Eu organizo, digo qual o melhor momento, mas não proíbo. Jamais. O dinheiro é dele. Não temos problema com isso.”

Bruna possui conta separada de seu marido e é organizada, mas, para fugir dos comentários dele, às vezes, precisa esconder suas compras.

BRUNA: (Com o gravador desligado, ela começou a falar sobre isso e, então, a entrevistadora perguntou se podia voltar a gravar. Ela topou.) “(...) O problema do meu marido é que ele é muito controlador em TUDO (e enfatiza), não só no dinheiro. Ele controla tudo, tudo, tudo que eu faço, que deixo de fazer, as coisas que estão acontecendo aqui em casa. Então, por exemplo, ele sabe quando eu comprei alguma coisa, quando eu chego com uma sacola diferente, ele já controla e fala... mas nunca me repreendendo, sempre comentando ‘Eu tô de olho em você’. Entendeu? Ele acha que eu gasto muito, compro mil blusinhas de várias cores diferentes, que eu tinha que vender metade do meu armário, isso ele acha... ele acha que eu tenho uma compulsão por comprar. Às vezes, eu dou uma escondida nas sacolas quando eu chego. Isso eu faço. É um saco, às vezes você entra em casa com uma sacola nova e a pessoa [es]tá lá te observando... aí, você pensa ‘Ai, que saco, vou ter que ouvir de novo...’ Já eu não me meto nos gastos dele. Vou te dar um exemplo prático. Quando a gente sobe para Teresópolis e vai na feirinha, ele me perturba porque eu gastei 150 reais em blusinhas para mim. Agora, ele está viajando e acabou de comprar um relógio caríssimo, foi quase 1.400 dólares... eu não falei nada. O dinheiro é dele. Eu penso assim. Assim, quando ele gasta de forma supérflua, na minha visão, eu não falo nada, não me meto. Porque o dinheiro é dele, ele trabalhou, ele tem o direito de se dar esse presente. Agora, ao contrário, ele não concorda muito não. Se eu dependesse dele, se eu não trabalhasse e dependesse diretamente dele, ele seria controlador. Ele estaria no comando.”

Através desse trecho da entrevista de Bruna, podemos perceber um enorme incômodo dela em ter que dar satisfação sobre seus gastos ao marido, mas por outro lado, não sabemos exatamente o grau de seu consumismo. Segundo sua fala, seu marido fica parecendo muito controlador, no entanto precisávamos ter a versão dele para compreender se ela é realmente consumista, ou se ele é quem exerce o papel do controle.

Enfim, como estamos vendo, o cotidiano de um casal recém-casado envolve decisões de ordem prática. A definição da divisão das contas (qual conta ficará para cada um pagar) e do que será prioridade e supérfluo é combinada e recombinação, das mais variadas formas. O que podemos perceber nas entrevistas é que cada casal funciona com uma dinâmica própria, muito baseada na vivência de cada membro em sua família de origem<sup>20</sup>. O uso do dinheiro é um comportamento que envolve crenças e expectativas aprendidas na vida de cada membro de um casal e que deve ser negociado e adaptado àquela nova realidade, assim como todos os outros valores que ambos trazem para o casamento. Em alguns casos, a divisão das contas é de 50% para cada membro do casal; independente do que ficar para quem, a divisão é realizada por valores. Já, nos casos de Beatriz, Carolina, Sabrina e Cláudia, a divisão das contas é semelhante aos moldes da antiga divisão sexual do trabalho. Elas ficam responsáveis, basicamente, pelo pagamento da empregada e do supermercado. Carolina até observa o quanto isso é curioso, já que, para trabalhar e ter a casa organizada, ela precisa pagar uma empregada, para fazer o que ela deveria fazer, caso não trabalhasse.

CAROLINA: “(...) É assim, a gente tem empregada duas vezes na semana, ele que paga o salário da empregada, hoje. Mas, quando eu ganhava mais, eu pagava. Era dividido assim: ele pagava todas as contas e eu pagava o salário da empregada. É, para ele, eram as contas de luz, gás, telefone, contas da casa, condomínio, essas coisas. Eu que ficava responsável pela empregada, o que já é muito engraçado, né. (e ri) A divisão das contas... Ele paga a estrutura e eu o supérfluo. O que seria a minha função, entre aspas! Eu pago alguém que faz o que eu tinha que fazer... (e ri muito). Eu acho isso muito bom. Adoro refletir sobre essas coisas. Hoje em dia, assim, eu ganho menos, então, ele paga tudo e a empregada, mas eu dou um dinheiro pra ela comprar aquilo que ela precisa comprar de comida pra semana. Porque, assim, a gente não faz compras do mês. Somos só duas pessoas, então, não tem necessidade. Normalmente, a gente faz compras do mês pra material de limpeza e tal, que ele sempre paga. E

<sup>20</sup> Deixamos uma categoria de análise – a 5.2.3 –, especificamente, para discutir a questão da família de origem. Aqui, nossa atenção estará voltada para a organização financeira propriamente dita, com discussões de ordem prática no cotidiano dos casais.

eu pago assim, o que peço pra empregada comprar toda semana. Que eu dou pra isso.”

Independente de um discurso mais igualitário sobre o uso do dinheiro – o que veremos mais adiante –, o destino do dinheiro do homem e da mulher manteve-se distribuído de acordo com papéis sociais tradicionais – estando o homem mais envolvido com a estrutura da casa e a mulher com o cuidado mais direto, decorando a casa e pagando a empregada, por exemplo –, com, pelo menos, 7 de nossas entrevistadas. Esse dado corrobora uma pesquisa realizada por Magalhães (1993), em que, ao investigar a visão do casal sobre conjugalidade e individualidade, um dos tópicos se referia ao dinheiro e ficou claro que o uso que homens e mulheres faziam de seu dinheiro no casamento ainda pertencia a uma divisão semelhante à tradicional divisão sexual do trabalho: o dinheiro da mulher, responsável pela compra de roupas para ela, o marido e os filhos, decoração da casa, empregada; e o dinheiro do homem, pelas contas fixas de gás, luz, telefone, condomínio, aluguel etc. No entanto, não podemos deixar de considerar que um número alto em nossa pesquisa – 5 mulheres de 12 – divide meio-a-meio as despesas da casa com o marido, seguindo um modelo mais igualitário.

BEATRIZ: “(...) É, nós fizemos, assim. Ele, coitado... (e ri). Ele paga quase tudo. Ele paga condomínio, luz, gás, telefone, net, todas as contas fixas ele paga. E eu pago o mercado e a empregada. São as coisas que ficaram comigo. Mas, às vezes, fura. Assim, dele pagar a empregada e não eu, porque foi um dia que ele chegou antes de mim para pagar. E a gente não faz um reembolso, nada disso, pagou, pagou. Nunca aconteceu, pelo menos, até agora, de ficar pra mim alguma conta. Só aconteceu dele pagar pra mim.” (E ri novamente.)

SABRINA: “Atualmente, ele paga quase tudo da casa. Condomínio, gás, luz, telefone, NET, internet, nossa ginástica, carro, IPVA, seguro. Eu pago a empregada quando eu consigo. Se estou num mês mais apertado, pago apenas a passagem dela nos dias que ela vai. Pago também supermercado, quando sou eu que vou. Quando é ele que vai, ele paga. Gasolina é a mesma coisa. Eu adoro comprar coisas para casa, estou sempre consertando alguma coisa ou implementando a decoração.”

CLÁUDIA: “Eu fico com a empregada. (...) Além disso, eu recebo do meu trabalho um cartão de alimentação; então, com aquilo dali, eu faço o supermercado. Aí, ficou luz, gás, telefone e cartão de crédito com o meu marido. A gente tem um cartão de crédito que é conjunto, o meu marido paga. E aí, eu pago o outro que é meu. O condomínio da nossa casa ele que paga.”

Alice, por ganhar bem menos que o marido no início de seu casamento, não costumava arcar com nenhuma conta da casa, porém, na medida em que seu trabalho começou a dar algum retorno financeiro, ela assumiu o pagamento da empregada com satisfação, já que era resultado do seu crescimento profissional. Alice relata-se sentir muito bem em poder contribuir com alguma conta da casa.

ALICE: “Hoje, eu consigo comprar alguma coisa. Hoje, eu consigo comprar um presente. Sei lá, um presente pra alguém com o cartão dele. Hoje, eu consigo comprar uma roupa pra mim com o cartão dele. Hoje, eu me sinto mais à vontade pra fazer isso. Talvez, porque eu comecei a ganhar alguma coisa. Parece que, a partir do momento em que eu comecei a ganhar, vem um pensamento do tipo ‘Ah, então, eu também posso, porque eu tô conseguindo pagar algumas coisas’. Ontem, por exemplo, pela primeira vez, eu paguei a empregada. Eu [es]tava saindo de casa. Foi mero acaso. Ele falou: ‘Tira dinheiro, pega dinheiro no banco, eu transfiro para você.’ Daí, eu disse: ‘Então, [es]tá bom, mas não precisa transferir, porque esse mês eu consigo pagar.’ ‘Não, não vou precisar transferir?’[surpreendeu-se], ‘Não, eu tenho’[confirmei]. Isso é MUITO bom. Eu tô construindo minhas coisas.”

Gabriela e Lúcia são casos diferentes e extremos, pois Gabriela ganha pouco e deposita tudo na conta do marido – trata-se de uma conta conjunta, porém que só ele administra –, e Lúcia, na época da entrevista, arcava com tudo da casa sozinha, por conta do desemprego de seu marido. É interessante notar o quanto o poder contribuir com as contas da casa, hoje, coloca homens e mulheres em situação semelhante. Parece haver uma queda na auto-estima de ambos, melhor aceita pela mulher do que pelo homem nessa mesma situação. Provavelmente, para o homem seja pior não poder contribuir em casa, por conta de seu papel de provedor fortemente arraigado em nossa cultura. No entanto, ambos mudam o comportamento diante do outro, por causa da sua não-participação direta no pagamento das contas.

GABRIELA: “Eu concordo com o que a gente conversa. Eu fico chateada de não ter o dinheiro, de não ter o meu dinheiro. Não porque ele veta, muito pelo contrário, até de ir ao salão, ele me incentiva. Mas de não ter mais, de não poder estar ajudando mais. É mais pelo não poder ter do que pelo acordo que a gente teve. Eu acho que realmente tem que cortar o salão mesmo e, quando eu quero muito, eu peço para ele.”

Na fala de Gabriela, uma vontade sua – a de ir ao salão – é tratada como algo que é definido pelo marido como prioridade ou não. Sem perceber, ou falar como crítica, Gabriela diz que ele é quem decide se ela pode, naquele mês, ir ao

salão. Por mais que ela diga que tudo é conversado, na hora do corte, vale a palavra final dele. No entanto, uma satisfação que o marido tem não entra em negociação na hora de definir onde o casal pode economizar. O marido gosta de tomar cerveja no fim de semana. Com isso, toda sexta-feira, ele compra no mercado. Por mais que ela reclame, ele compra de qualquer forma. Então, não resta a ela outra alternativa, senão concordar com ele, apesar de parecer não ter consciência desse processo, percebido através de sua necessidade de ficar se justificando para a entrevistadora.

GABRIELA: “Meu marido é muito engraçado. Chega sexta, ele quer comprar cerveja ou ir para um barzinho. Eu falo pra ele para ficarmos em casa e economizarmos um pouco naquele final de semana, mas ele diz que ele precisa se dar esse presente, já que ele rala tanto. Eu também trabalho e coloco dinheiro na conta dele, mas ele não vê isso. Conversamos sempre. Por outro lado, eu entendo; afinal, eu não olho a conta, não me preocupo tanto com dinheiro assim. E ele realmente trabalha muito.”

Lúcia assume outra postura diante do dinheiro. Como ela é quem detém a maior parte da renda familiar e o marido estava, nessa época, em uma situação bastante instável, ela diz que procura compreender e conversar com ele, para que ele se sinta mais à vontade. Neste caso, ela percebe que ele se sente inferiorizado ao ter que pedir dinheiro para ela e acaba não aceitando sequer ir a um cinema. Até mesmo diante dos amigos, não fica à vontade para aceitar alguma coisa.

LÚCIA: “(...) No início, a gente conseguiu dividir as contas meio-a-meio. Toda vez que houve mudanças nesse percurso, na minha renda, a gente sentou e acertou as contas. (...) E assim era. As nossas prioridades eram o aluguel, a luz e o telefone. (...) Aí, na metade do ano passado, ele perdeu o emprego e começou a fazer uns vãos como *freelancer*. Ao contrário do que foi no começo em que ele pagou sozinho boa parte das coisas, nos outros seis meses em que ele ficou sem emprego, fui eu que paguei. Essa foi uma época bem mais complicada. A gente sentou e falou [ou melhor, eu falei]: ‘Você perdeu seu emprego. Agora, vamos fazer o inverso daquela época. Agora, quem paga sou eu. Quando você conseguir alguma coisa, a gente volta a dividir.’ No primeiro mês, isso se deu normalmente. No segundo, eu já fui percebendo que, pra ele, era um pouco incômodo o fato dele não poder me ajudar em absolutamente nada. Eu percebia em algumas coisas. Por exemplo, eu falava pra ele assim: ‘Ah, a gente podia ir no cinema.’ E ele respondia: ‘Eu não tenho dinheiro’. E eu [insistia] ‘Não, mas, de repente, eu posso pagar pra você, a gente vai numa quarta.’ Eu tentava achar uma possibilidade. Aí, ele [completava]: ‘Ah, não, eu não tenho nenhum dinheiro pra pagar nada aqui em casa daí eu pego e vou ao cinema?’ São essas frases... ou então coisas assim: ‘Pô, o telefone veio caro pra caramba esse mês; então, acho melhor eu nem usar.’ Então, começaram algumas falas assim. Eu acho que o fato dele estar sem emprego, deixou ele

muito mal, não só pelo dinheiro, mas pelo fato de estar se sentindo ocioso. E acho que, por isso, a questão do tempo estar passando e as coisas não estarem acontecendo pra ele e a idade está indo. (...) Eu via assim: às vezes, a gente tinha um aniversário, ou um amigo chamava para tomar uma cerveja, e era muito difícil ele deixar o amigo pagar uma cerveja pra ele. Mas às vezes acontecia. Então, eu acho que o que foi mais difícil, não foi falar da divisão, foi o fato dele não poder contribuir. E isso era o que ele não falava e, aí, isso fazia mal pra ele.”

Nos dois últimos casos citados acima – o do marido de Lúcia e o caso de Gabriela –, depender do dinheiro da esposa ou do marido, respectivamente, é algo mal administrado por ambos: no caso do marido de Lúcia, por ser homem e demonstrar-se sentir inferiorizado diante da esposa ou dos amigos; e, no caso de Gabriela, por ter suas necessidades desvalorizadas pelo marido. Ainda que Gabriela ganhe alguma coisa, assumiu, na entrevista, ser muito pouco, para se sustentar sozinha. Gabriela, desta forma, não atingiu sua independência financeira. Sua dependência a coloca com menos poder de decisão no casamento, o que é uma questão bastante atual, se considerarmos o fato de que, somente a partir da década de 60 do século XX, a mulher de classe média/alta começou a se inserir no mercado de trabalho.

Negociar prioridades, nesse sentido, passa a ser negociar conjugalidade e individualidade. Vejamos alguns depoimentos:

Para Beatriz e Bruna, a casa é uma prioridade, o que já não é para seus maridos. Foi preciso muita conversa para conciliarem o interesse de ambos.

BEATRIZ: “Isso é uma coisa engraçada, porque, assim, eu tenho muita preocupação... quer dizer, um hobbie meu é essa coisa de arquitetura, de decoração, de montar o ambiente, querer organizar as coisas bonitinhas da casa. Quando a gente foi pensar na nossa casa, eu ficava desenhando os projetos, como é que ia ser o móvel de cada ambiente, coisa e tal... (...) Só que, na época do casamento, meu marido ainda estava muito assustado com o quanto ele poderia gastar na casa, na lua-de-mel e tudo isso... (...) Então, ele ficava muito assustado com as minhas megalomanias no apartamento, né. Ele me dava uma freada. Ali, foi o momento de muita discussão, porque, pra ele, [o que] era supérfluo, pra mim, era necessidade básica. Ter sofá na sala, uma mesinha de centro, uma luminária, [tudo da casa] era uma necessidade pra mim. E, pra ele, era supérfluo. Se não desse [para comprar] pra ele, a gente esperava. O importante era ter um colchão e uma televisão. (...) E aí, com um mês de casamento, ele ficava assim. Por exemplo, se eu pegasse o telefone pra ligar para alguém, ele ficava assim: ‘Você está ligando pra celular ou telefone fixo.’; E eu falava assim: ‘eu tô ligando pra celular e vou ligar pra celular, qual o problema? A gente não está nessa pindaíba toda.’ E aí, a gente teve uma conversa séria sobre isso. Porque eu falei pra ele que essa coisa de ter uma casa arrumada com tudo no lugar é uma coisa muito importante pra mim e que a

gente tinha uma reserva financeira pra fazer isso, né? E, aí, ele entendeu isso, e a gente está fazendo o projeto pra ajeitar esse último quarto. Então, assim, acho que, agora, a gente está num ponto de ter as mesmas prioridades, assim. Nossa prioridade agora é viajar e ajeitar esse quarto e [fazer] cursos, [pois] a parte profissional é sempre prioridade também. Sei lá, acho que não tem nada, hoje, que ele veja como supérfluo assim, algo que eu ache importante. Mas tivemos que conversar muito.”

BRUNA: “Quando a gente começou a planejar a casa, a gente começou a pensar o que a gente precisa para viver, o que a gente precisa ter na nossa casa para a gente começar a viver. Aí, nós fizemos o básico. Até fizemos bastante o básico. Então, agora, existem uns detalhes ainda que precisam ser comprados para casa. Mas, como a gente montou muito rápido o nosso apartamento, meu marido fala para mim, para a gente parar um pouco de falar em comprar e falar mais em vender alguma coisa. (*e ri*) Então, hoje, a gente discute muito ainda o que é supérfluo e o que é necessário. A gente não está conseguindo chegar a um acordo legal do que é necessidade e supérfluo para cada um. Existem ainda umas discussões, enfim... (...) Por exemplo, é... (*pausa*) eu acho que é uma necessidade aqui ter um outro abajur na minha sala. Eu acho que faz parte da iluminação. Existem horas em que eu sinto falta de um abajur do outro lado da sala. (...) E, para ele, tanto quadro, quanto abajur são extremamente supérfluos.”

Daniela já não teve o mesmo problema, pois ela e o marido são arquitetos e possuem os mesmos interesses na casa. A partir do momento em que há uma concordância, tudo fica bem mais fácil. No entanto, Gottman (1998, 2004) nos chama a atenção para o fato de que não é a existência do conflito que seria considerada problemática no casamento, mas, sim, a maneira de resolvê-lo<sup>21</sup>.

DANIELA: “Depende da prioridade. Agora por exemplo a prioridade é minha casa que eu tô arrumando a casa, então nesse momento qualquer coisa que não seja para casa é supérfluo. (...) A gente concorda assim 100%. Isso não é supérfluo. Coisas pra casa, receber os amigos, viajar, isso não é supérfluo.”

Rafaela prioriza, junto com seu marido, o respeito pela individualidade de cada um, pois, uma vez que já quitaram as contas comuns do casal, cada um tem liberdade de investir o próprio dinheiro no hobby que quiser – coisas que nenhum dos dois abrem mão.

RAFAELA: “Não abrimos mão de ter uma vida social saudável, frequentar restaurantes bons o que não, necessariamente, significa ‘caros’, encontrar os amigos, visitar nossos pais fora da cidade. Também adoramos ficar em casa, vendo filmes, conversando... Não abrimos mão de irmos a São Paulo nos

<sup>21</sup> Ver categoria 5.2.5, referente à comunicação conjugal, para compreender melhor os processos envolvidos nessa negociação.

divertir e renovar nossa vida cultural. Algumas de nossas prioridades de compra são livros e CDS. Não abrimos mão de comprar bons livros e CDS. Ele não abre mão também de comprar excelentes instrumentos – guitarras e equipamento de som –, pois possui uma banda de rock e é apaixonado por música, seu hobbie número um. Novidades automobilísticas – carrões e acessórios para carros – são totalmente supérfluos para ele. Quanto a mim, não abro mão de comprar roupas, ir ao salão, comprar minhas revistas e livros, em grande parte por prazer, mas também por trabalhar com Moda. Também não abro mão de despesas envolvendo comunicação, pois meus pais moram longe e gasto bastante telefone fixo e celular para estar em contato com eles. E também não abro mão de investir em, pelo menos, duas viagens por ano para encontrar minha família. Pode ser indo até a casa deles [que moram em outro Estado] ou trazendo-os para minha casa por minha conta. Temos espaço no nosso casamento para isso, pois somos super certinhos com dinheiro. Uma vez quitadas as obrigações, cada um administra o dinheiro com o que gosta de fazer.”

Já Gabriela, citada anteriormente, e única dentre nossas entrevistadas que possui conta conjunta com seu marido e que delega a ele o controle de tudo, queixa-se muitas vezes da falta de acordo nas prioridades e supérfluos de cada um.

GABRIELA: “Até hoje, a gente não chegou num acordo. A questão não é que eu quero gastar muito no mercado. Eu não compro nenhuma besteira. O meu gasto no mercado é para comprar carne, legumes e verduras, feijão, não compro nenhum biscoito, nenhum peixe. Mas eu acho que o fato dele ser homem interfere na questão. Ele não vive na cozinha, não sabe escolher o que precisa, ele acha que uma bandeja de frango dura muito mais. Na verdade, dura uma refeição, sabe.... Então, assim, para ele, se não tem alho e cebola, não tem problema. Mas, sem alho e sem cebola, você não faz nenhuma outra comida, sabe....você não começa uma cozinha sem alho e sem cebola. Tipo, eu não vou deixar de comer legumes, sabe. Então assim, entra nessas questões, a gente não chega a brigar, apesar de que, às vezes, ele pergunta, pela milésima vez, a mesma coisa... Ah, tem uma coisa que é muito interessante... Quando a gente casou, nossas mães ainda ajudavam com as compras do mercado.... minha mãe, até hoje, ainda vai no mercado e faz minha feira. Mas isso foi reduzindo, porque, no início, a gente viveu um pouco de aperto – logo, no início. E elas começaram a ajudar e a gente se acomodou um pouco nessa posição. Mas, na verdade, não era real o nosso gasto, porque a mãe dele comprava na feira frango e gastava 100 reais. Então, não era real o nosso gasto. Somado a isso, as coisas aumentaram de preço mesmo e fora que a gente tem comido mais em casa. A gente está com empregada é mais uma boca comendo. Ou seja, ele quer eu economize no mercado, mas abrir mão de comer direito, eu não abro. Aí, que eu fico com raiva, porque, como eu não ganho muito dinheiro, ele se acha no direito de definir o que pode e o que não pode, inclusive no mercado. Mas pergunta se ele abre mão do barzinho?”

Portanto, a partir da forma como um casal define o que é prioridade e supérfluo para a vida a dois, temos um retrato do que seria conciliar desejos e necessidades de ambos em um só planejamento.

### 5.2.2

#### **Administração financeira: conta conjunta ou separada? A mulher vê seu dinheiro como comum ou como próprio?**

É importante saber se um casal decide por conta conjunta ou separada, pois esse acordo revela percepções fundamentais sobre o dinheiro no entendimento da dinâmica de um casamento.

Entre as mulheres entrevistadas, onze mantêm contas separadas, ainda que uma delas – Daniela – tenha uma terceira conta conjunta para projetos a dois e duas – Juliana e Beatriz – ainda pretendam ter esse mesmo esquema.

DANIELA: “(...) A gente nunca teve esse negócio de essa é a minha conta e a sua conta. A gente sempre fez assim, o cartão veio mais alto esse mês: então, paga na sua conta e eu acabo que pago as outras coisas na minha conta. Isso foi no começo. Depois, a gente passou a ter uma terceira conta, que é conjunta, porque ficava muito complicado, passar dinheiro... (...) Ficava meio complicado, aí, a gente resolveu abrir uma conta conjunta. Eu ainda continuo tendo uma conta minha e ele também. Então, assim, a maioria do dinheiro vai para uma conta conjunta e não tem uma divisão pela metade. O dinheiro é nosso. A gente não separa as contas para cada um. Se ficar mais fácil eu pagar, porque o banco é mais próximo, eu pago. Se ele tem mais dinheiro no banco, ele paga. A gente pensa como nosso dinheiro. Então, essa terceira conta, que é uma conta poupança, nós colocamos tudo que sobra.”

BEATRIZ: “Assim, antes do casamento cada um pagava suas contas. Ele nunca teve essa coisa de... ele não tinha condição de ter essa coisa cavalheira, assim, de pagar as minhas contas, né? É e eu não fazia questão disso. Então, a gente conversava sobre dinheiro. Assim, eu sabia quanto ele estava ganhando nos estágios em que ele entrava, quando ele começou a trabalhar. Mas eu não tinha o controle financeiro sobre a conta dele e nem ele sobre a minha conta. Quando a gente decidiu casar, uma das coisas que a gente ainda não fez, mas que a gente tem a intenção de fazer, é ter a conta conjunta... Porque, aí, desde que a gente ficou noivos, virou, assim, nosso dinheiro. Então, tanto fazia se era eu ou ele que estava pagando aquela conta, né? E aí, a gente sabe exatamente quanto de dinheiro está entrando para um e quanto de dinheiro está entrando para o outro. Vê extrato, enfim, conversa mais sobre o assunto. Virou o nosso dinheiro, não o seu e o meu.”

JULIANA: “Por enquanto, separada. A gente já até falou em ter uma conta nossa, em que colocasse a grana para pagar as contas da casa e das viagens e essas coisas. Mas a gente ainda não fez. Pretendemos, mas ainda temos muito pouquinho tempo morando juntos. Tivemos várias outras coisas para decidir.”

Como vimos, Daniela e Beatriz não fazem distinção do dinheiro delas e deles. Consideram, a partir do casamento, o dinheiro como do casal. Juliana já não pensa assim. Pensa em ter uma terceira conta conjunta, mas não gosta de misturar relacionamento amoroso com dinheiro. Prefere que tudo fique bem definido, inclusive a decisão pelo acordo sobre divisão de bens em caso de separação.

JULIANA: “Eu não gosto de misturar o dinheiro com o relacionamento. Eu acho que uma coisa é uma coisa outra coisa, é outra coisa. Não tem essa de que construiu depois. Se fosse aquela mulher antiga, que estava em casa, cuidando dos filhos, para o cara trabalhar, aí, acharia justo. Porque a pessoa que ficou casada 50 anos, depois que se separa tem que levar alguma coisa. Claro, a pessoa estava lá... Agora, hoje em dia... Eu vejo, assim: talvez, se eu não tivesse dinheiro e ficasse mais em casa e trabalhasse meio período para ficar com os filhos e ele tivesse que trabalhar, acharia justo dividir, entendeu? Mas, nesse caso. Eu tenho dinheiro meu. Ele pretende construir o dele. E, nesse caso, o trabalho dele é uma coisa e o trabalho da minha mãe, do meu avô é outra, bem, diferente. Eu não acho que teria que dividir nada. Acho que o bom para ele d’eu ter dinheiro é ficar com os filhos dele, que vão ser os meus. Acho que vai ser confortável ele saber disso, mas é isso. Se precisasse, eu emprestaria, claro. Mas acho que nada a ver imaginar que isso é uma questão. Não vejo o menor motivo para ter uma união parcial ou total. Combinamos de assinar o acordo de separação total de bens.”

Um aspecto digno de nota refere-se ao regime de bens. Somente três mulheres – Juliana, Carolina e Sabrina – optaram por separação total de bens, em que, após o casamento, cada um fica com o que já está em seu nome. Os motivos para essa opção variaram, de acordo com a história das famílias de origem delas ou dos maridos – histórias que marcaram a vida dos filhos. Com isso, possuem crenças muito fortes de que cada um deve construir sua vida e que, por mais que durante o casamento, a luta seja comum, é preciso construir a própria segurança.

SABRINA: “Quanto ao regime de bens, era certo pra gente que seria separação total. Acho que, pela história de separação dos nossos pais, que, nesse sentido – de divisão de bens –, foi terrível e muito parecida, achamos mais justo, ao longo da vida, irmos colocando, nos imóveis que comprarmos, o nome dos dois. Preferimos escolher o que será de quem, e não misturar tudo, pois, pensando na união, tudo é dos dois mesmo. E, pensando na separação, é melhor que essa divisão seja justa e, nem sempre, o meio-a-meio é exatamente justo, vide a história de nossos pais.” (*Ambos os pais dela e do marido brigaram muito na justiça para definir o que era justo na separação dos bens. Ambos*

*casaram no regime de comunhão total de bens – onde todos os bens que existiam antes e depois do casamento passam a ser dos dois –, comum há 30 anos atrás).*

CAROLINA: “Nós nos casamos com separação total de bens, porque os pais dele tiveram um processo trabalhista de uma empresa em que o pai nem era mais sócio e eles se ferraram. Aí, foi uma devastada geral quase. E eles tinham comunhão total de bens e a mãe dele tinha muita coisa dela, que não tinha nada a ver com ele. E, aí, a gente casou [em regime de separação total de bens] por causa disso, entendeu? Então, facilita. Meus pais também concordaram. Meus pais não têm dinheiro nenhum, estão com um problema na empresa deles e, para não correrem o risco de confiscarem o apartamento que herdaram do meu avô, alegando que já possuem apartamento próprio, eu fui correndo e passei pro meu nome. Assim, tinha mínima chance de tomarem o apartamento dos meus pais. Imagina, depois, numa separação, dividir isso meio-a-meio. Não que a gente case pensando em separação, mas temos que admitir que o mundo mudou.”

As outras entrevistadas optaram por regime de separação parcial de bens, ou seja, tudo que foi construído após o casamento é dividido meio-a-meio, em caso de separação.

É interessante pontuar que, ao longo das entrevistas, não percebemos nenhuma associação entre perceber o dinheiro como próprio, ter conta separada, e possuir regime de separação total de bens, que poderíamos considerar um comportamento mais individualista. Pelo contrário, enquanto algumas mulheres consideram o dinheiro como “nosso”, também gostam de administrá-lo e se dizem, às vezes, até mais organizadas que seus maridos. Não necessariamente, ter conta separada significa, então, pensar o dinheiro como individual. Já, para quem tem conta conjunta, é unânime pensá-lo como comum.

No entanto, percebemos algumas contradições em relação a comportamentos e crenças revelados por nossas entrevistadas. Seguem trechos do discurso de Carolina em dois momentos.

CAROLINA: “O sentimento de participar da compra do apartamento é um sentimento assim: eu trabalho MUITO, não é que eu trabalho muito e preciso ser recompensada, mas é a necessidade de ver o resultado. E isso é uma coisa totalmente minha, não tem nada a ver com ele. Sou eu e minhas crises. (...) Mas, a verdade é que desde que eu casei, eu nunca mais paguei nada. Nem me preocupo com isso. Isso é surreal. Que seria aquela idéia do dinheiro ser nosso. Só que não existe dinheiro nosso. Pra mim é muito claro isso. Por exemplo, se o meu marido me empresta dinheiro eu pago a ele. Porque eu quero pagar. Porque minha independência está ali. Mesmo se eu sei que o meu dinheiro no final do mês não vai dar pra pagar tudo. Entendeu. Mas eu ... meu salário fixo mensal é ridículo, então quando eu ganho as comissões, aí eu vou repondo, vou

pagando dessa maneira.”

CAROLINA: “Acho que é mais complicado pra mim. Essa coisa mesmo de não ter dinheiro, é complicado, mas eu também tive um histórico disso. Minha família sempre teve o dinheiro super contado. De achar que isso é muito importante na vida, entendeu? Fundamental, para não ter crise, para não ter briga. Porque na minha casa, o maior problema de estresse era o dinheiro, problemas de depressão, de ansiedade, de tristeza, sempre foram por causa disso, sabe? Apesar da gente sempre ter tido tudo, meus pais sempre conseguiram dar tudo pra gente. Realmente, mas se sacrificaram muito. Eu tenho muito isso pra mim, na minha relação com o trabalho, na minha relação com o dinheiro, de ter que ser melhor, ter que ser melhor pra que aquilo não acabe. Se eu trabalhar menos é como se eu perdesse essa garantia. Também não sei, estou falando aqui pela primeira vez. Mas é porque me angustia muito isso hoje em dia.”

Como podemos observar, Carolina não acha que o dinheiro é dos dois: o tempo todo, fala que não sente o dinheiro dele como dela, mesmo com o marido não fazendo nenhum tipo de restrição. Pensa em ter sua segurança financeira de forma independente. Deseja, inclusive, participar da compra do apartamento, nem que seja com 10% do valor, para ter certeza de que está vendo o fruto do seu trabalho se concretizar. Em contrapartida, é uma das únicas mulheres que não gosta de administrar “coisas de banco”<sup>22</sup>. Ora, se ela não se apropria das decisões financeiras e delega para o marido fazê-lo, dando-lhe a sua senha do banco e esperando que ele deposite dinheiro para ela, como pensa em construir sozinha sua vida? Parece que essa crença está muito mais coerente com a história de seus pais do que, simplesmente, com seu comportamento no presente.

Por outro lado, a maioria das mulheres, independente de terem contas separadas, considera as contas comuns do casal como algo que deva ser respeitado e honrado. A partir do momento em que as contas comuns da casa foram sanadas, o que sobra supre as necessidades e as prioridades individuais. No discurso dessas mulheres, a autonomia acontece aí, a partir do momento em que elas têm planos individuais para o dinheiro.

RAFAELA: “Temos contas separadas. Não controlamos as finanças um do outro, apesar de conversarmos abertamente sobre isso e de planejarmos gastos conjuntos. Também achamos muito confuso duas pessoas controlando uma única conta. (...) Como temos contas separadas e cada um é o dono do seu dinheiro, conversamos entre nós, quando vamos fazer alguma compra mais ousada, muito mais para ouvir a opinião do outro do que para obter aprovação.

---

<sup>22</sup> Mencionamos essa característica de Carolina na categoria 5.2.1.

Cada um é livre para gastar seu dinheiro como quiser, respeitando sempre as contas da casa.”

SABRINA: “Nossas contas são separadas. São as mesmas da época de solteiro. Preferimos assim. O meu marido gosta de aplicar, mexer muito no dinheiro – não era pra menos, é a profissão dele. Já eu gosto de aprender a mexer, tomar minhas próprias decisões, mesmo que ele me oriente, gosto de estar no controle do que é o resultado do meu trabalho. É assim que vejo. Não gostaria de ter conta conjunta e ter que ficar falando sobre aquilo o tempo todo. Acho esquisito ter que comunicar: ‘olha, comprei isso, anota aí... precisei de um shampoo...’. Acho que manter as contas separadas faz os dois crescerem e preservar a individualidade. Acho uma prova ainda maior de confiança, pois, de qualquer forma, estaremos juntos. Se um está usando mal o dinheiro, automaticamente, o outro vai sentir. Então, não precisa haver um controle direto. Já existe uma regulação da situação pelas próprias coisas da vida. Não entendo como isso pode dar certo hoje em dia. Na época em que as mulheres não trabalhavam, até entendo, pois era preciso encontrar um jeito delas terem acesso ao dinheiro. Mas, hoje, que cada um ganha o seu? Prefiro administrar, ver o dinheiro entrar e sair, sentir o crescimento profissional, administrar e ficar cada vez melhor nisso. Entro na conta sempre, sei cada centavo que vai entrar e que vai sair. Com isso consigo me planejar. De qualquer forma, o dinheiro de cada um indo bem, é a nossa vida que vai melhorar. Porque, quando você casa, o dinheiro passa a ser dos dois.”

Mas, quando um gasta irresponsavelmente o próprio dinheiro e não cumpre o que é comum do casal, cada desejo particular é motivo de estresse.

SABRINA: “Sempre fui de comprar muita roupa, acho que, como toda mulher... Mas, com isso, gastava mais do que ganhava, não juntava dinheiro e ficava sempre apertada. Eu acabava mentindo, escondendo sacola, mesmo quando morava ainda com a minha mãe. Meu marido, ainda, na época do namoro, cobria minha conta... isso me fazia MUITO mal e gerava um estresse entre a gente. Então, um dia, conversamos seriamente e descobrimos qual era o melhor comportamento financeiro que eu poderia ter e o que eu não poderia fazer, para o meu bem e o bem do casal.”

Quanto à conta conjunta, apenas Gabriela tem conta conjunta com o marido e, mesmo dizendo que não gosta do controle que ele exerce sobre o dinheiro dos dois, não se apropria das decisões, usando a diferença de idade como justificativa para o maior interesse dele em se preocupar com o futuro e não ela.

GABRIELA: “Nossa conta é conjunta. No início, decidimos por isso, para facilitar nossa vida, já que eu ganhava bem menos e nunca gostei de olhar e controlar muito a conta. Mas, no dia-a-dia, ele me controla muito e reclama muito de mim. Hoje, melhorou um pouco, mas era, diariamente, querendo controlar os meus gastos... É, eu me preocupo menos que ele, mas, aí, pode ser por causa da diferença de idade. Ele está com 34 [anos] e eu estou com 25.

Essa diferença pesa. De pensar no futuro, ele se preocupa mais.” (*Contribui com 15% da renda familiar*)

No entanto, assim como Gabriela, Alice também não consegue contribuir muito para a renda familiar, mas nem, por isso, optou por conta conjunta. Ao contrário, pensa na conta separada como uma forma fundamental de manter sua individualidade, ainda que precise de mesada do seu marido. Os dois optaram por isso. Aliás, Alice relata que a idéia de ela ter um cartão de crédito partiu de seu marido em uma tentativa de deixá-la à vontade com suas escolhas. No início, ela se sentia desconfortável, mas acabou se acostumando e percebendo que seu marido, realmente, não lhe cobrava satisfação – apenas pedia que ela se organizasse para preveni-lo quanto aos gastos que ele teria naquele mês. Alice se diz muito satisfeita com o modo como o marido lida com a questão. Sua insatisfação está mais ligada a sua vontade de ganhar mais dinheiro e ser mais independente. Nesse caso, Alice tinha autonomia, mas não independência financeira.

ALICE: “No início do casamento, eu não ganhava nada e partiu dele a iniciativa de pensar em algo que ficasse bom para nós dois. Ele, na época, conversou comigo para fazermos algo [para] que eu pudesse ter liberdade de decisão sobre o meu uso do dinheiro. E, então, ele depositaria para mim um valor mensal fixo na minha conta. Nós não optamos por conta conjunta. O valor seria algo que suprisse conta de celular, coisas do consultório, meus almoços na rua. Conta conjunta nunca passou pela nossa cabeça, porque a gente queria manter a individualidade de cada um. A gente queria ter liberdade e fugir um pouco dessa coisa de controle, assim. Principalmente, porque eu não sei me organizar muito e ele sabe bastante, ele é economista. E, aí... [Es]Tá certo que, volta e meia, eu precisava pedir, mas ele nunca me perguntava porque. Logo que a gente casou, ele me deu dois cartões de crédito, onde ele depositava pra mim esse dinheiro. Na verdade, assim, as despesas da casa, eu pago no cartão de crédito, que é dele, e o dinheiro que ele deposita pra mim fica para as minhas coisas. Ele nunca me pergunta nada. A única coisa que ele me pede é o recibo do cartão, porque ele precisa ter todo o controle do que está sendo gasto. Ele é muito metódico.”

O dinheiro, portanto, traz uma carga emocional sobre o seu uso capaz de deixar transparecer amor e segurança – como vimos no caso de Alice –, ou intolerância e críticas – como no caso de Gabriela.

### 5.2.3

#### Significados atribuídos pela mulher ao seu dinheiro

Considerando que os significados atribuídos ao dinheiro dependem de crenças e expectativas aprendidas na história pessoal e cultural de cada indivíduo, utilizaremos as quatro dimensões sugeridas por Rose & Orr (2007), citadas no início deste trabalho, para nortear a análise do significado atribuído pelas mulheres ao dinheiro. As dimensões citadas são: a) sentido de realização: o dinheiro significando sucesso; b) de status: o dinheiro usado para impressionar as pessoas; c) de preocupação: dinheiro gerando ansiedade, incerteza; d) de segurança: influenciando a economia do dinheiro.

Alice foi uma de nossas entrevistadas que expressou, de maneira espontânea, o significado do dinheiro no seu casamento. Demonstrou muita satisfação ao falar da maneira como seu marido lida com o dinheiro do casal e da forma como se sente valorizada com isso. Para ela, o dinheiro funciona como segurança e realização (Rose & Orr, 2007), além de ser expressão de afeto, companheirismo e sentimento de família.

ALICE: “Eu falo pra ele que ele sempre acreditou muito mais em mim, do que eu mesma, a todo momento. E esse crédito veio através do dinheiro, sim, fato, mas veio também subentendido como várias outras coisas. Veio através do dinheiro, porque, pela profissão que a gente tem, a gente precisa investir dinheiro. Tem que ser. Então, com isso, ele pagou vários cursos de pós[graduação], de especialização, sempre acreditando muito em mim. Vejo essa questão do dinheiro como uma forma que ele tem de demonstrar credibilidade, de sentimento de família, de divisão, de construir algo comum, de sentimento de família mesmo, de construir algo que é conjunto; e que o dinheiro faz parte dessa construção. (...) Além disso, ter reconhecimento no meu trabalho, também se expressa através do dinheiro, é mais indicação que surge, é mais trabalho, é mais dinheiro.”

Para Carolina e Sabrina, por sua vez, existe uma preocupação enorme em torno do dinheiro fundamentada na história de seus pais.

CAROLINA: “(...) Meus pais perderam tudo que construíram por causa de um sócio. Vivi tendo que lidar com a tristeza e o estresse deles em relação ao dinheiro. E eu tenho muito isso (*ansiedade*) pra mim na minha relação com o trabalho, na minha relação com o dinheiro, de ter que ser melhor, ter que ser melhor pra que aquilo não acabe. Se eu trabalhar menos é como se eu perdesse essa garantia. Trabalhar, ganhar dinheiro é afastar essa possibilidade. É caminhar para construir alguma coisa.”

SABRINA: “Quero construir possibilidade para mim. Não conseguiria depender de marido, porque, hoje, me sentiria insegura. A mulher que não constrói sua segurança sozinha, está lascada. Vi minha mãe, uma mulher super inteligente, separar do meu pai e ter que depender do dinheiro dele para viver... Com isso, não tem jeito, a pessoa acaba se humilhando.”

Nenhuma mulher demonstrou atribuir ao dinheiro o significado de status. Por mais consumistas que algumas admitiram ser, não mencionavam nenhum valor que confirmasse a busca por status.

De qualquer forma, a independência e a autonomia foram mencionadas em todas as respostas. O dinheiro parece funcionar, hoje, para as mulheres de classe média/alta, segundo nossas entrevistadas, como possibilidade de tomar decisões e satisfazer hobbies e necessidades particulares. Independência e autonomia<sup>23</sup> significam busca por segurança no dinheiro através da realização no trabalho. Todas ressaltaram a questão profissional como fundamental para suas vidas.

LÚCIA: “Eu acho que, assim, eu me sinto muito mais independente. Se fosse morar com ele ou sozinha, era o tornar-se independente. Eu sempre gostei de trabalhar, eu comecei a trabalhar muito cedo, com 14 anos, e eu paguei boa parte da minha faculdade. Eu trabalhei até o último ano da faculdade e ajudei a pagar os estudos. Então, assim, pra mim, hoje, o dinheiro não representa só isso. É poder dizer que eu pago minhas contas, eu tô conseguindo trabalhar. Mais importante, assim, eu tô conseguindo fazer coisas na minha profissão, porque eu batalhei muito para fazer a faculdade. E acho que, hoje, se eu tivesse que trabalhar com coisas que não dentro da minha área, eu ia trabalhar para pagar as minhas contas, mas não tão feliz como eu estou hoje. Então, assim, trabalhar na área me faz muito bem. Eu sinto que todo investimento, não só financeiro, mas de estudo desde o vestibular até terminar a pós [graduação], foram conquistas desse caminho profissional que eu estou tendo. (...) Então, eu acho que, hoje, o dinheiro que eu ganho significa minha independência, significa um crescimento. Eu acho que, hoje, eu sou muito mais mulher, no sentido de madura – não no sentido de feminina, mas madura –, do que quando eu morava com meus pais.”

Outro fator importante, que merece destaque é a preocupação de todas as mulheres de não terem que pedir dinheiro ao marido. Hoje, para as mulheres que trabalham e ganham seu dinheiro, poder usá-lo e tomar as próprias decisões faz delas pessoas mais livres e autônomas. Segundo Sabrina, o próprio marido valoriza mais a mulher que trabalha e é independente.

---

<sup>23</sup> Sobre independência e autonomia, ver categorias 5.2.1 e 5.2.2.

SABRINA: “Prefiro estar sempre à frente de nossas realizações, tanto quanto o meu marido, e crescer junto. Além disso, o trabalho é minha liberdade. Não gosto de ficar sendo controlada naquilo que tenho vontade de fazer. Apesar de que, hoje, eu penso muito mais como casal, do que no namoro... Essa cobrança nem, de longe, é do meu marido, ela é minha, mesmo. Eu exijo de mim mesma essa independência. Ele não me cobra, mas sei que valoriza a mulher que trabalha e tem essa autonomia.”

Curioso notar que algumas mulheres mencionaram a questão dessa “autocobrança”, não tendo surgido a partir de cobranças diretas do marido, mas de uma exigência própria. Esse sentimento de se responsabilizar por tudo foi construído socialmente ao longo do século XX e internalizou na mulher uma exigência por ser auto-suficiente e bem-sucedida nas suas escolhas muito maior que em qualquer outra época (Rocha-Coutinho, 2001; Féres-Carneiro, 1998, 2001; Fleck & Wagner, 2003). Hoje, a mulher tem que estar à frente de tudo, dando conta de tudo, e muito confiante de sua capacidade. Carolina foi uma das mulheres que questionou esse “dilema” (em suas próprias palavras). Foi, por exemplo, uma das poucas que falou sobre seus questionamentos em escolher o melhor momento para conciliar filhos e carreira profissional.

CAROLINA: “[Exis]Tem horas em que eu penso, assim: queria tanto ganhar na Sena (*jogo de azar da loteria esportiva*). Eu sei que eu ia ter outros problemas, mas esse problema, eu não ia ter: a coisa do filho. Atualmente eu sou carente de tempo para pensar em planejar. Mas e o dinheiro? Porque, hoje, eu teria que reduzir o tempo de trabalho e, se você reduz o tempo de trabalho, você reduz o dinheiro. Se eu reduzo o dinheiro que já é bem menos do que o que meu marido ganha, vou ter que depender mais dele. E como é que vai ser isso? Será que ele entende o que isso significa? Eu acho que existe uma coisa que é muito enraizada na sociedade que a mulher tem que coordenar todas as tarefas de casa, todas – eu acho que tem isso enraizado. Eu acho que, assim, a gente coordena tudo, tudo de casa, e o homem tem que fazer tudo, todas as contas, que é muito pouco, se você for comparar com o que a mulher faz. Mas, mesmo assim, a gente tem que trabalhar, porque é o nosso lado produtivo. Trabalho doméstico não é visto mais como produtivo. É a remuneração que diz se o trabalho é produtivo ou não. Vivemos num mundo assim. Hoje em dia, eu acho que a obrigação é trabalhar, ganhar algum dinheiro, nem que seja para torrar tudo em roupa nossa. Não interessa. Eu acho que a obrigação só mudou, mas ela continua existindo: a obrigação do homem e a obrigação da mulher.”

Uma palavra muito usada pelas mulheres ao falarem sobre o significado que o dinheiro tem para elas foi: autonomia. Trabalhar e ganhar o próprio dinheiro significa para essas mulheres a possibilidade de ter acesso aos seus desejos e

vontades particulares. Alegam que ficam com mais liberdade de escolher o que querem fazer para si.

CLÁUDIA: “Ter uma independência, fazer o que você gosta. Por exemplo, eu gosto muito de bicho, nós temos lá em casa dois cachorros e três gatos. Então, eu que compro ração, levo ao veterinário – e isso é um prazer para mim. Eu acho que isso é uma independência. Porque, senão, eu teria que ficar pedindo para ele alguma coisa que eu que gosto, né? Às vezes, você quer comprar uma besteira, que você acha maravilhosa e, para ele, não tem o menor valor. Daí, você compra. Eu trabalho, eu posso gastar com isso. Daí, você tem que negociar o que tem importância para você que nem, sempre, tem importância para ele. Vamos supor, salão: você quer fazer a mão. Se o dinheiro é seu, você faz quantas vezes no mês você quiser; mas, se é dele, ele pode dizer para você fazer de 15 em 15 dias. E, daí, é horrível ter que pedir. Nas escolhas individuais, esse dinheiro traz autonomia e independência. Traz mais liberdade de ser independente em gastar o dinheiro com o que eu quiser.”

Independente do controle que os maridos tentem exercer – no caso de algumas delas –, esse controle se anula no momento em que a decisão final não fica apenas nas mãos deles.

BRUNA: “É muito bom. Porque as minhas vontades são as minhas vontades. Que não são as mesmas vontades do meu marido. Então, eu ter essa independência de não ter que pedir permissão, de não ter que dar uma satisfação para aquela minha vontade, isso para mim, essa independência é essencial. Sempre, eu nunca pensei em parar de trabalhar. Primeiro, porque a gente fica... nossa cabeça fica muito melhor, a gente fica atualizada, a gente está sempre ocupada – digamos, assim – e ganhamos nosso dinheiro para isso. Então, a gente se sente até valorizada pelo que a gente está fazendo. E eu acho isso muito legal. No final do dia você está cansada, porque você trabalhou e você vai ganhar o dinheiro no final do mês. É compensador, é gostoso, é uma sensação boa.”

O dinheiro, portanto, para aquelas que assumem o controle de suas contas e sabem se planejar, funciona como poder de escolha. Por outro lado, a dependência financeira delas, em relação aos seus maridos, também parece intolerável nos dias atuais, tanto pelas mulheres, como pelos seus pais<sup>24</sup> que as aconselham a serem sempre independentes e autônomas. Sendo assim, a maioria das mulheres de nossa pesquisa relatou, de forma explícita, a vontade de trabalhar e ganhar o próprio dinheiro, ainda que questionem como irão conciliar a carreira profissional com a chegada dos filhos. Percebem o dinheiro como algo que lhes garante o mínimo de individualidade.

<sup>24</sup> Ver categoria de análise 5.2.4.

SABRINA: “[O trabalho] É tudo. (*e fala mais enfaticamente*) É a minha independência, segurança e certeza de que tenho alguma coisa, totalmente, minha. Se o casamento não dá certo, tenho que me garantir desde já. É claro que acredito no meu casamento e casei para dar certo, mas acho que ninguém pode depositar no casamento o peso de depender daquela situação, para ter uma boa vida.”

Apenas uma entrevistada, – Beatriz – não enfatizou o ganho do dinheiro como algo fundamental. Valoriza o seu trabalho, mas não quer ter uma vida dedicada apenas a ele, pensa em diminuir o ritmo quando tiver filhos e não fala disso com nenhum questionamento. Cabe aqui sinalizar que o contexto econômico da família de origem de Beatriz é de classe alta e, talvez, esse fator influencie na sua tranquilidade diante do dinheiro, o que, de repente, lhe possibilita uma escolha que não reflete a mesma realidade das outras mulheres de nossa pesquisa. Além disso, ela possui um modelo familiar o qual, particularmente, admira muito – que segue um padrão tradicional da divisão sexual do trabalho: a mãe cuidando da casa e da família e o pai responsável pelo sustento de todos.

BEATRIZ: “Eu acho que o momento que eu tô vivendo, a minha geração, é uma geração em que as mulheres trabalham e contribuem com dinheiro para a casa. Então, eu nunca questionei a idéia de não ter esse papel. Pra ser sincera, as primeiras vezes em que eu comecei a questionar esse papel foram quando eu casei, que eu olhava pra minha casa e ficava com vontade de ficar lá, cuidando das coisas e ajeitando tudo, com tempo pra cuidar daquilo ali e da gente. Mas eu gosto muito do que eu faço, da profissão que eu escolhi, do tipo de trabalho que eu exerço. Então, tenho prazer no que eu faço e não acho que minha vida seria completa, se eu não fizesse isso. Mas eu... Não que esse é o meu único lado que tem que ficar existindo, eu quero que ele tenha um espaço. Mas não dedicação integral, o que, às vezes, o mundo vem exigindo de todo mundo, inclusive das mulheres. Eu vou querer, realmente, ter um tempo pra cuidar da minha família. Porque isso sempre foi um valor importante pra mim. Vi minha mãe fazendo isso e acho que foi ótimo, me sinto super cuidada e eu quero poder fazer isso pelos meus filhos, né? Ter o meu dinheiro é legal, mas eu não sei se, no meu relacionamento, isso faria diferença no tipo... Se ele pagasse todas as contas, se ele olharia pra mim de outra maneira. Eu acho que não, eu acho que isso não faria diferença. Eu acho que o meu dinheiro é legal, porque a gente, realmente, precisa dele, né, pra poder ter o padrão de vida que a gente quer ter. Mas, não acho que isso faz diferença, não faria diferença no nosso relacionamento.”

Como podemos notar, a independência financeira é almejada por todas as mulheres entrevistadas, não tanto Beatriz. Mas sentirem-se autônomas ou controladas varia de acordo com a maneira com a qual seus maridos lidam com

essa questão, principalmente em relação às mulheres que ainda possuem uma renda mensal baixa, para se sustentarem, e dependem, de fato, do dinheiro deles. Vimos, na discussão das categorias 5.2.1 e 5.2.2 o quanto o controle do marido de Gabriela a incomodava e, ao mesmo tempo, sua dependência não lhe permitia questionar tal controle. Pelo contrário, levava Gabriela a justificar, o tempo todo, as atitudes do marido. Alice, por sua vez, possui a mesma dependência financeira, preza pelo trabalho e batalha por sua independência financeira, mas foi seu marido quem a ajudou a aceitar, mais tranquilamente, tal situação. Ou, pelo menos, essa diferença faz parte de uma percepção particular de cada uma delas. Seria preciso entrevistar os maridos para confrontar tais informações.

Por outro lado, ao escolhermos como critério de seleção mulheres que trabalhavam remuneradamente, já sabíamos que estávamos diante de uma amostra que valoriza o trabalho, mas não tínhamos noção da sua extensão e do que isso significava de fato. Foi unânime a vontade de continuar trabalhando e se realizar profissionalmente, ainda que algumas mulheres tenham mencionado desejo em conciliar família e trabalho, podendo se dedicar bem aos dois. Nossa entrevistada mais nova tem 25 anos e a mais velha 34, o que já indica um adiamento na chegada dos filhos, que, hoje, ocorre por conta da estabilidade financeira e profissional também da mulher.

#### **5.2.4**

##### **Família de origem: valores e influências**

Ficou claro, durante as entrevistas, que o uso que cada membro do casal faz do seu dinheiro recebe forte influência das experiências vividas e aprendidas em suas famílias de origem. Tais experiências criam expectativas e direcionam o comportamento das pessoas, seja na direção do mesmo modelo – aquele que se quer seguir –, seja na direção oposta – como um modelo com que se quer romper. E percebemos isso o tempo todo ao longo das entrevistas, pois em algum momento todas as participantes se remetiam a uma vivência em suas famílias de origem para explicar a forma como conduziam sua vida financeira.

RAFAELA: “Tenho dificuldade, às vezes, de conversar sobre dinheiro com o meu marido. Ele não está acostumado a falar disso na família dele. Tudo parece tabu. Quer deixar o assunto sempre pra depois. Nós não somos casados, mas temos que conversar sobre o futuro. E se ele morre? Parece macabro, mas tem uma questão prática, aí, que gostaria que fosse conversada. O apartamento que moramos é dele... E se a família dele não deixa eu ficar aqui? São coisas que um casal tem que conversar. Na minha família todo mundo sabe exatamente quanto o outro ganha. Minha mãe tem a senha do meu pai, meu pai tem a da minha mãe, porque numa emergência a pessoa tem que ter essas informações para poder ajudar, se for preciso. Na minha família, não existe esse tabu. Já na do meu marido... isso dificulta as coisas. Às vezes, a gente até briga, porque eu tenho a necessidade de falar sobre tudo, inclusive sobre dinheiro, por que não?”

ALICE: “Acho que essa coisa de valorizar o trabalho e ganhar meu próprio dinheiro veio da minha família. Eu sempre fui criada num ambiente onde meu pai, muitas vezes, criticava minha mãe, por ela ganhar muito menos que ele. Ela era professora. Eu sempre ouvi o meu pai criticando muito a minha mãe por ela ganhar menos, por ela ganhar pouco, porque ela não tinha condição de... porque, se não fosse ele, ela não teria a vida que ela tinha. Eu tenho uma relação complicada com o meu pai, uma relação distante, e a única coisa que ele me disse, quando eu contei pra ele que eu ia casar, foi para eu tomar cuidado, para não ficar dependendo de marido a minha vida inteira. E isso, sempre, foi muito importante pra mim. Eu sei que isso veio daí, dessa lavagem cerebral, e que eu absorvi direitinho.”

SABRINA: “(...) Quando meus pais se separaram, minha mãe não trabalhava. Ela optou por não trabalhar, quando teve filho. Naquela época, muitas mulheres ainda faziam isso, sabe... Não era mal interpretado. As mulheres, de certa forma, podiam [ficar sem trabalhar], tinham o aval da sociedade para isso, né? Mas minha mãe dependia muito do que o meu avô tinha construído na vida dele. Ela vivia de aluguéis dos apartamentos que ficaram no nome dela... Mas a vida vai apertando e ela não se planejou direito. Administrou mal, perdeu dinheiro e, até hoje, acho que ela vive um pouco fora da realidade. Gasta mais do que tem, precisa pedir pro irmão, é um problema... Não quero isso pra mim, de jeito nenhum. E ela mesma fala isso. Ela fala que a grande vantagem da mulher, hoje, é que ela pode – e deve – optar por ter uma carreira profissional, que será o seu amparo e sua independência. Ao mesmo tempo que ela não conseguiu construir isso, ela faz questão de passar isso para mim e para minha irmã.”

Tomemos, como exemplo, os três trechos transcritos acima. Neles, podemos perceber como a experiência particular é levada para o casamento, como referência. Conversar sobre o dinheiro de maneira livre e sem tabus é ressaltado como uma questão de valores familiares, no primeiro exemplo. Escrever uma nova história, diferente daquela vivida pelos pais, encontra-se bem exemplificado nos dois trechos seguintes. É claro que – assim como outros valores passados pela família – o dinheiro assume uma função e um significado específico para cada pessoa; e a interação de dois modos diferentes de lidar com a mesma questão num

casal requer muita habilidade de comunicação<sup>25</sup>, como veremos mais adiante.

Pelo que encontramos em nossa pesquisa, as famílias de origem têm papel fundamental no significado que as pessoas atribuem ao que é certo ou errado no modo de lidar com o dinheiro em seus relacionamentos. A maioria das mães – tanto das mulheres, quanto de seus maridos – citadas na pesquisa, não foi economicamente ativa em suas vidas, conforme mencionado anteriormente. Muitas até trabalharam antes de ter filho, mas a escolha por abrir mão do próprio trabalho em prol do cuidado com a família aconteceu com 50% delas. Na fala das filhas, sobre suas mães, não reconhecemos, exatamente, um arrependimento. As mães costumam dizer que fizeram o que, na época, queriam fazer, mas existe uma tentativa de mostrar às filhas que hoje não cabe a mesma escolha – principalmente, quando a condição de se tornarem financeiramente independente dos maridos é viável. Muitas mães ensinaram suas filhas a terem poder sobre suas próprias escolhas, alcançado, em sua essência, pela conquista do próprio dinheiro. Existe uma espécie de estímulo à liberdade que essas mulheres não tiveram em suas vidas.

DANIELA: “Para mim [trabalhar e ganhar meu dinheiro] é muito importante. Isso é uma coisa meio de criação, porque, desde sempre, desde criança, a minha mãe sempre insistiu comigo e com as minhas irmãs: ‘É importante que vocês sejam independentes, que vocês tenham as suas vidas. Que não dependam de marido, de pai, de mãe, de ninguém. Então, vocês têm que ter essa independência. Um dia, o casamento termina e eu não quero que você fique presa a uma pessoa, porque você depende dela financeiramente, de alguma maneira.’”

Interessante, também, que não foram só as mães que estimularam suas filhas. Os pais foram apontados como grandes incentivadores da independência financeira feminina, em todas as entrevistas. Hoje, na fala das próprias mulheres, é mal vista a mulher que não trabalha e depende financeiramente do marido, até por uma possibilidade muito mais presente em nossa sociedade de divórcio.

BEATRIZ: “(...) Meu pai, apesar da minha mãe ser dona de casa, assim, não ter a renda fixa, meu pai sempre falou que era importante essa coisa da independência, de ter o seu trabalho, de fazer suas coisas. Mesmo sabendo que isso não foi um problema no casamento deles e que não influenciou no valor que meu pai atribui à minha mãe, ele é o primeiro a incentivar minha independência econômica.”

---

<sup>25</sup> Sobre comunicação conjugal, ver categoria de análise 5.2.5.

BRUNA: “(...) Meus pais sempre falaram que é importante nós termos independência, para poder[mos] comprar e ter o conforto. Eles queriam que a gente continuasse com a mesma qualidade de vida que eles nos deram e passássemos isso para os nossos filhos. Então, foi, mais ou menos, assim, a nossa educação. ‘Ah, não dependa nunca de alguém. Porque a gente tem que depender de nós mesmos. Nós somos os nossos instrumentos, nosso instrumento para ganhar as coisas. Porque, se a gente depende de uma outra pessoa, se essa pessoa falta e aí?’ Então, meus pais sempre falaram: ‘É importante que você tenha uma estabilidade sua financeira, que você seja independente, que você dependa só de você, entendeu?’ (...) Minha mãe trabalhava até se casar com meu pai. Meu pai sempre viajou muito a trabalho; então, a minha mãe não tinha como se estabelecer numa companhia, enfim... e meu pai chegou para ela, há 35 anos atrás, e falou que ela não precisava mais trabalhar, que nunca faltaria nada. Então, como a cultura, naquela época, aceitava isso e não olhava feio para essa situação, a minha mãe resolveu seguir o meu pai. Daí, eles moraram em vários lugares. (...) Eu acho que a minha mãe sente falta de trabalhar, porque ela, sempre fala que, se ela tivesse continuado a trabalhar, a vida dela seria outra coisa. Mas, ao mesmo tempo, ela diz que não se arrepende, porque cuidou das filhas e se orgulha muito dos produtos que ela têm hoje.”

Até mesmo as dimensões propostas por Rose & Orr (2004), para nortear o estudo do significado do dinheiro – citadas na categoria 5.2.3 –, também têm sua formação na história das famílias de origem. Cláudia, por exemplo, considera economizar dinheiro algo fundamental, pois seus pais sempre passaram valores nesse sentido para os filhos.

CLÁUDIA: “Na família da minha mãe, as minhas tias nunca trabalharam. Então, nunca, souberam dar valor ao dinheiro que ganhavam de aposentadoria. Elas recebiam aquilo e pronto. Mas a minha mãe e o meu pai, nunca, concordaram com o comportamento delas em relação a isso e sempre passaram a idéia de que era muito importante trabalhar, ter independência e não depender do marido, para ter suas coisas. E você vai vendo depois, mais velha, foi isso que influenciou o meu jeito de ser.”

Economia, segurança e respeito na família são situações vividas no dia-a-dia e expressas através do uso do dinheiro. Os destinos que as pessoas atribuem ao dinheiro no cotidiano – se unindo ou se afastando, correndo atrás ou pouco valorizando o trabalho, entendendo o valor do dinheiro ou gastando sem a menor preocupação – são experiências que marcam e definem a organização familiar. Carolina expressa valores que aprendeu em casa com os momentos de dificuldade financeira e explica, de certa forma, sua visão do dinheiro como algo incerto e inseguro, o que, portanto, precisa ser conquistado diariamente e bem usado.

CAROLINA: “De uma certa forma, na minha casa, na casa dos meus pais, sempre teve muito amor. Não sei se era uma compensação. Eu me lembro que sempre foi assim: ‘Ah, pelo menos, a gente tem saúde, tem amor. A gente tem a gente’. Toda vez que uma crise aparecia por causa de dinheiro, por algum motivo, ou por causa da falta do dinheiro, ou porque não tinha o dinheiro para fazer alguma coisa, alguma viagem [esta declaração era pronunciada]. (...) Eu estudei fora, eu estudei nos EUA, mas tudo parcelado, dividido em várias vezes. Não existia uma viagem de família, por exemplo. Mas, sempre, tivemos tudo. Meu pai passou muito isso pra gente. Com luta e objetivo, a gente vai fazendo tudo que quer. Vai parcelando, vai dando um jeito. Com certeza, a minha relação com dinheiro é diferente da do meu marido, ele cresceu numa família que sempre teve dinheiro. As coisas não precisavam ser tão suadas. Ele sabe lidar com o dinheiro, mas não é tão preocupado como eu. Para ele, parece ser mais fácil.”

A insegurança é ressaltada por Juliana, que a partir de uma experiência vivida por seus avós, foi educada pela sua mãe de forma a tomar mais consciência da falta de garantia da eternidade do dinheiro.

JULIANA: “Eu brinco com a minha mãe que ela gerou quatro filhas que têm cabeça de pobre. Porque todo mundo tem mania de achar que tudo é caro, os outros têm dinheiro e a gente não tem, um pensamento de pobre. Porque a minha mãe sempre... acho que a gente passou por essa coisa de perder grana na família da minha mãe, de achar que ia ficar sem dinheiro, mesmo, e a minha mãe, sempre, passou essa coisa de que a gente não podia confiar, de que a gente não vai ter dinheiro, sempre, entendeu? O dinheiro pode não estar, sempre, ali. Tem uma paranóia de que tem, mas ele pode não estar, sempre, ali. (...) Mas, por outro lado, em pequenas coisas, eu nunca soube quanto se gasta de conta de supermercado, por exemplo. E não fazia idéia mesmo. Nisso, o meu marido vive puxando minha orelha. Quando a gente vai fazer compra no supermercado, ele me policia. (...) Em parte, ele tem razão, mas, por outro lado, é chato ficar sendo controlada o tempo todo. Também não é o caso de ficar sem comer aquilo que gosto por causa disso. Ele sempre fala que eu vou no supermercado e olho a marca e não o preço. E eu vou botando. Então, tenho esses dois lados: ao mesmo tempo, que não saio esbanjando, por ficar sempre com aquela sensação que pode acabar, também vivo um pouco fora da realidade, por ter sempre sido poupada dessas responsabilidades. Estou aprendendo, agora, com meu marido.”

Lúcia é planejada com seu dinheiro, se organiza, economiza, não gasta sem propósito e conta que puxou a mãe nessa característica. A mãe de Lúcia é uma dentre as quatro mães que trabalham e contribuem significativamente para a renda familiar. Lúcia segue o mesmo modelo.

LÚCIA: “Meus pais vieram de famílias muito pobres. Logo que eles casaram, eles foram morar nos fundos da casa da minha avó. Então, eles não conseguiram concluir escola e não tiveram empregos de remuneração muito alta. E minha mãe trabalhava numa empresa que dava a ela vários benefícios e

como eles moravam no quintal da minha avó, ela foi juntando. E meu pai acabou gastando muito com a minha avó que estava doente e era mãe dele. Por isso que, quando eles conseguiram abrir a firma, ela tinha mais dinheiro guardado. Com os anos, eles foram ganhando cliente e aos pouquinhos foi girando. Eles foram muito bem sucedidos. A parceria profissional deles sempre deu muito certo. (...) Acho que eu tenho muito mais esse lado da minha mãe. E até acho que, hoje, morando com meu marido, talvez eu tenha até menos rigidez com gastos do que na época em que eu morava com a minha mãe. Hoje eu dou mais valor ao lazer, coisa que, na época, em que eu morava com ela, não acontecia. Hoje, eu tento mais. Eu quero comprar um presente para o meu marido, eu calculo, vejo se vai dar, mas eu não me travo mais. Vai que falta para o mês que vem. Eu parei com isso do ‘mês que vem’. Claro que me preocupa, mas eu estou me permitindo mais coisas, mas sempre serei planejada.”

Mas, mesmo com achados, em nossa pesquisa, dessa tendência da própria mulher, de sua família e de seu marido – ou seja, uma tendência social - de valorizar seu trabalho e sua independência econômica, existem aquelas que admiram o modelo mais tradicional de casamento dos pais e assumem posturas semelhantes. No caso de Gabriela, percebemos uma contradição, porque anteriormente, ela havia-se queixado do controle do marido e, em outro momento, fala do modelo dos pais como algo em que se inspira, mesmo estando em um contexto diferente: ela trabalha e não lida com o dinheiro da mesma maneira que sua mãe.

GABRIELA: “Minha mãe não [trabalha]. Nem a dele. Mas, mesmo assim, são casamentos estáveis. Espero que meu casamento também seja. Acho que o dinheiro não pode separar as pessoas. Elas têm que se unir. Se pensam como casal, é o que vão fazer. (...) Eu sou mulher, posso caminhar mais lentamente ele não tem que correr mais atrás. Com meus pais, deu certo ter conta conjunta. Nós estamos tentando fazer dar certo.”

Beatriz já possui uma concordância maior com o marido sobre esse modelo, pois, segundo ela, seu marido admira sua família e concorda que a mulher deva dividir seu tempo melhor entre casa e trabalho. Há um consenso entre eles sobre essa postura, o que faz com que essa negociação seja mais tranqüila.

BEATRIZ: “(...) Meus pais são casados com regime de comunhão total de bens, que era o vigente na época do casamento deles. E eles acham que isso é o mais certo, né? Na época em que eles casaram, as famílias tinham padrões similares, eles estavam realmente construindo tudo juntos. E eu venho com essa herança, de você ter uma coisa toda junta. Existem algumas pessoas que eu

conheço que não querem ter conta conjunta. E isso eu acho uma coisa meio esquisita, porque eu tenho essa herança da minha família de que as coisas são muito divididas. A própria família do meu marido tem isso. Quando a mãe dele trabalhava, o dinheiro dela era só dela e o do pai era o dinheiro da família. E ele também não acha que isso faça sentido. Ele meio que concorda mais com o jeito dos meus pais funcionarem. Mas ele tem uma visão mais machista do tipo ‘eu devo pagar todas as contas, isso é a minha obrigação de homem. O seu dinheiro deveria ficar mais pra gente fazer as viagens e fazer as coisas que não são as obrigações, os luxos.’ Eu acho que isso era uma coisa importante pra ele, que eu não tenho nenhuma oposição. Faz sentido. Acho justo os dois investindo na família. Inclusive porque ambos concordam que quando tivermos filhos, eu irei dividir mais meu tempo, diminuir o ritmo de trabalho.”

A concordância e a discordância podem ser preditivos para compreendermos o ajustamento conjugal (Allen & cols., 2001; Gottman & Driver, 2004; Christensen & Shenk, 1991). É o que veremos a seguir.

### 5.2.5

#### **Comunicação e relações de poder no casamento através do dinheiro: quais processos se produzem no casal para resolver as questões acima.**

Deixamos um tópico exclusivo para as questões de comunicação no relacionamento conjugal, por ser este um assunto que traz em si muitas nuances e contradições. Quando estudamos aspectos relativos a casamento, estamos lidando com dois casamentos na verdade: o “casamento dela” e o “casamento dele”, que não, necessariamente, são coincidentes. Em nossa pesquisa, privilegiamos o pensamento, o sentimento e o comportamento feminino diante do dinheiro, mas, como nosso roteiro estava direcionado para a comunicação conjugal, acabamos tendo um panorama, através da leitura feminina, de alguns comportamentos masculinos preciosos para nossa análise. Importante notar que falamos apenas do comportamento masculino – e não do sentimento e do pensamento –, pois é o que fica mais explícito para as mulheres e, neste momento, não teremos como confrontar tais respostas com o que, realmente, pensam os homens sobre as mesmas questões. Fica aqui a sugestão para futuras pesquisas.

De todas as mulheres entrevistadas, apenas três – Talita, Cláudia e Alice – relataram conversar tranquilamente sobre dinheiro com seus maridos.

TALITA: “Não temos desavenças. Conversamos tranquilamente. Nossa sintonia é enorme.”

CLÁUDIA: “A gente conversa muito sobre tudo. Resolvemos na hora.”

ALICE: “Eu acho que a gente respeita muito um a posição do outro. A gente já está junto há treze anos. A gente vem construindo isso, né? Isso é uma construção. Em determinados momentos, a gente já se conhece muito bem. Então, eu sei que certas coisas podem acabar magoando. Então, eu espero outro momento melhor para falar o que estou sentindo e pensando. Escolho melhor o momento de falar de alguma coisa que me incomodou. Eu acho que o mesmo acontece com ele, tem uma coisa de respeito. Eu acho que a nossa relação é baseada em que um, realmente, conhece o outro.”

Dentre as outras nove, algumas começaram a entrevista, falando que conversavam sobre tudo e, ao final às vezes, quando o gravador já havia sido desligado, contavam histórias que exemplificavam a dificuldade de comunicação com seus maridos ou queixavam-se de aspectos ainda nebulosos no casamento. Outras falavam que não, necessariamente, chegavam a acordos para se sentirem satisfeitas, mas, de maneira muito sutil e persuasiva, conseguiam o que queriam: falando no momento certo ou agindo nos bastidores, na organização financeira e na decisão final de ordem prática do cotidiano, fosse com o dinheiro ou tarefas domésticas.

Daniela foi uma dessas mulheres. No começo da entrevista, falou que o marido tem personalidade forte, é mais decidido e incisivo. Quando quer alguma coisa, tem que ser do jeito dele. Segundo ela, sua postura é de não confrontar muito, diz que arranja outras maneiras de lidar com essa característica dele e, portanto, quase não brigam. Além disso, diz que o manejo do dinheiro fica com ela, o que lhe dá muito poder. Diz-se responsável por controlar e organizar tudo a tal ponto, que ele é quem pergunta para ela se pode comprar alguma coisa. No final, Daniela é quem passa a ter a voz mais ativa. Ela brinca, dizendo que ele, constantemente, fala: “Se você me largar, eu não sou ninguém!” E isso também ocorre com as tarefas domésticas. Ela é quem sabe onde estão as coisas, inclusive as dele. Os dois têm a mesma profissão e contribuem com 50% da renda familiar cada um, mesmo tendo uma base igualitária de decisão, e parece bem equilibrada mesmo – o domínio da casa e de toda sua organização, inclusive financeira, fica sob comando feminino.

DANIELA: “Eu sou mais tranquila, assim. Eu sou mais... Ele é mais de impor, assim, o que ele acha, o que ele quer. Ele tem um gênio mais complicado, mas é uma pessoa também que discute sobre as coisas e mesmo, se ele estiver errado, se eu conseguir convencê-lo, ele aceita na boa. Mas ele, geralmente, é a opinião mais forte, assim, digamos do casal. Eu sou a mais organizada, aquela que planeja e organiza tudo. E, aí, ele segue o meu planejamento, sem problema. Agora, assim, em termos de decisão, a gente sempre divide a decisão. A gente nunca toma a decisão sozinho. E ele sempre gosta de impor mais, assim, a opinião dele, o que ele quer. Então, a opinião dele, geralmente, é mais pé firme, assim, bate o pé, diz que quer e é assim. (...) Como eu sempre fui a mais centrada, controlada e organizada, é natural essa coisa, assim, organizar tudo. Eu que sei quanto é que tem de dinheiro. Ele não sabe, ele não sabe de nada, também nem se preocupa. Às vezes, ele mesmo fala: ‘Poxa, às vezes, eu me acho dependente demais de você. Tem certas situações que eu sempre penso o que você vai achar.’.”

Uma dinâmica bastante semelhante é a de Beatriz. Ela também consegue chegar a bons acordos com seu marido, ainda que, no caso dela, a opção por um modelo mais tradicional, com o homem sendo o provedor e a mulher cuidando da casa, seja uma expectativa de ambos. Por exemplo, Beatriz possui valores mais tradicionais do que almeja para sua família, mas, por mais que defina papéis do que acha correto para o homem e a mulher em relação ao dinheiro, ela é que domina as decisões do casal. Sua base de poder é mais marcadamente definida e há uma concordância em relação a isso.

BEATRIZ: “Acho justo os dois saberem quanto cada um ganha. Gosto de estar à frente. Ele acha que tem pagar todas as contas, que ele é o provedor. Eu concordo com ele, se isso lhe faz bem. Eu já gosto de trabalhar, mas também gosto de arrumar a casa, quero dividir meu tempo, quando tiver filhos. Minha mãe fez isso e eu me senti muito cuidada. Queria que nossos filhos se sentissem assim também.” (*a mãe dela não trabalhava*)

O afeto positivo e o bom humor são fatores importantes para o ajustamento conjugal e esse casal desenvolveu um meio de cortar a tensão da briga capaz de tornar sua comunicação muito mais saudável.

BEATRIZ: “Tem uma coisa engraçada... Lá, na nossa casa, existem umas poltroninhas giratórias, né? E aí, as primeiras brigas que a gente teve, assim, de desentendimento, foram de colocar as coisas no lugar, assim. Eu queria colocar o móvel no lugar ‘x’ e ele queria colocar no lugar ‘y’. Ficava aquele impasse, assim, onde que vai botar não sei o quê. Aí, ficava um rosnando pro outro. Até que, um dia, ele virou e falou, assim: ‘Vamos sentar e conversar’. E aí foi e me levou pra cadeirinha e me colocou sentada ali ( e ri muito) e falou: ‘Aqui vai ser o nosso lugar de conversar sobre a relação. D.R. [Discutir a relação], a partir de agora, vai ser aqui.’ E, aí, gente começou a rir e tal e, aí, ele falou o

que ele pensava e eu falei o que eu pensava e a gente chegou a uma conclusão. Então, acho que o nosso jeito é assim. Sempre que o clima está esquentando um dos dois puxa o outro e fala. ‘Está na hora de acertar as contas.’ Essa coisa do dinheiro, [es]tava-me incomodando, porque eu estava sentindo que eu estava cedendo muito. Eu ia no supermercado comprar as coisas, eu pensava: ‘Eu vou comprar esse aqui porque esse outro aqui é muito caro, não sei o quê. Que tipo de coisas eu posso comprar pra receber as pessoas pra não gastar muito dinheiro?’ E umas coisas bobas, às vezes, uma diferença de 10 reais, que não ia ser mortal. Eu tava ficando com umas paranóias, assim, e que não tinham necessidade. Aí, eu fui conversar com ele, que isso estava me incomodando, que tava exagerado. E aí, ele entendeu numa boa. Acho que a gente chegou nesse ponto, assim: está incomodando; então, fala. A introdução é, sempre, essa assim: ‘Quero falar uma coisa com você que está me incomodando.’ E a gente lá vai para poltroninha e fala um pro outro.”

Para Beatriz, o dinheiro não funciona exatamente como uma independência financeira, talvez, por ela já ter o próprio dinheiro de família, mas, de qualquer forma, não é uma questão fundamental. Ela gosta de trabalhar, porém não tem o trabalho como fonte de autonomia, inclusive, por achar que, no seu relacionamento, há espaço para um modelo mais tradicionalmente herdado – principalmente, da família dela, com a mãe no controle da casa e das finanças e o pai sendo o provedor. Admira o modelo dos pais, porque concorda, quando o marido dá “carta branca” para a mulher. Aliás, em sua família de origem, também, é sua mãe que tem o controle financeiro. Beatriz também quer esse controle.

Alice, por sua vez, apesar de ganhar muito pouco, a ponto de precisar do marido para se sustentar, possui uma base de poder igualitária no que diz respeito às decisões conjugais, expressa na forma como ela e o marido promovem o intercâmbio entre eles dos recursos financeiros da casa. As conseqüências não poderiam ser outras: satisfação e tranquilidade de Alice com o combinado dos dois.

ALICE: “Ele, nunca, me repreende ou questiona sobre o que gasto. Bom, também, eu não sou de gastar muito. Eu levei muito tempo para entender que eu podia comprar uma blusa pra mim, que não era errado eu comprar alguma coisa. Porque eu acabava ficando com aquele sentimento de que não queria pedir nada e nem depender dele. Hoje, eu entendo o dinheiro mais como nosso. Não era ele que me cobrava isso, sempre, fui eu mesma. Em momento nenhum ele me pergunta: ‘O que é isso, o que é aquilo’. Eu, em algum momento, eu paguei o gás, que o gás era uma quantia irrisória, 10 reais, praticamente. Nosso gás é muito barato. E era eu que pagava, assim. Eu fazia questão de contribuir com alguma coisa, mesmo que fosse uma quantia dessa. Mas, com esse negócio de tudo ser concentrado no cartão de crédito, porque ele tem muito esse pensamento, somos uma empresa, não importa. Tanto que agora eu vendi um apartamento e esse dinheiro é nosso, assim. Esse dinheiro que era do

apartamento que eu vendi, foi para o grande bolo que é o nosso dinheiro. Então, em nenhum momento, fica uma coisa do que é meu e do que é seu. A gente pensa, a gente não... eu acho que foi ele que me ensinou a pensar assim. Eu pensava o que era meu e o que era dele, mas ele me ensinou a pensar, assim, [n]o nosso. [Eu]Me sinto muito feliz em saber que conseguimos chegar ao ponto de satisfação para os dois.”

Sabrina e Juliana são mais de conversar e encontram, em seus maridos, uma disponibilidade no mesmo sentido. Ainda que tenham estilos diferentes de resolução de conflitos, a escuta e o bom humor demonstram a existência de uma base igualitária, inclusive entre casais que não contribuem igualmente com a renda familiar, como estamos vendo.

SABRINA: “Geralmente, eu sou mais de conversar, ele é mais de explodir num primeiro momento. Ele é mais pavio curto. Ele se irrita fácil com algumas coisas do dia-a-dia e vem falando o que bem entende, como se eu tivesse que pensar igual a ele. Eu é que, dependendo do meu humor, entro na briga ou não. Com o tempo de casamento, temos percebido que a melhor saída é o bom humor. Depois que respondo com bom humor, ele, automaticamente, cai em si e até rimos juntos. Mas, mesmo assim, ainda sentamos para acertar as coisas... Não conseguimos dormir brigados. Os dois são assim. É para não perder o sentido depois e ficar aquele incômodo, entende? Quando a gente senta para conversar, um realmente escuta o outro. Esse momento é muito bom, a gente cresce. Sinto que, com esse crescimento, hoje, escolhemos melhor como vamos falar um com o outro. Estamos nos respeitando muito mais. E, com isso, é raro nos desentendermos, como foi, no início do casamento, – coisa que só aconteceu nessa época. No namoro, era raríssimo a gente se desentender.”

JULIANA: “Eu sou a rainha da D.R. (*e ri*) Eu canso a pessoa. É o momento da minha explosão. Eu vivo de *insight*, eu vou acumulando, acumulando, acumulando, e tem um dia que eu percebo... Aí ele fala: ‘Vc descobriu isso hoje, não estava falando disso nunca.’ Mas é que, de repente, uma coisa liga na outra e sai. E eu vou igual a um trator. Eu falei isso para ele. Você não tem que avisar muito, porque, quando você avisa, já deixa a pessoa com medo. (...) Não chegou a ser uma questão. Não, no sentido problema. Dinheiro sempre foi muito claro. Desde o início da relação, ele falou para mim que não aceitava pagar as contas, assim, independente de namoro. Ele falou: ‘Olha, o negócio é o seguinte: eu não gosto nem de dividir e nem acho que eu tenho a obrigação de pagar. Eu acho que cada um paga uma vez e vamos nessa. Beleza, beleza, beleza’. Então, desde sempre, foi assim. Então, a gente nunca teve problema com isso. É, saindo, cada um paga um dia. A gente reveza.”

Bruna foi uma de nossas entrevistadas que se revelou, ao final, quando desligamos o gravador. Em um casamento como o de Bruna, onde ambos possuem carteira assinada e contribuem com 50% da renda familiar, dividem as contas e as parcelas do apartamento onde moram, ainda existe uma crença de que a mulher gasta mais que o homem ou é mais descontrolada. Mesmo que

necessidades e supérfluos sejam diferentes, o que é importante para a mulher, como roupa e decoração da casa, para o homem é tido como supérfluo. O comportamento controlador é atribuído ao homem, mesmo com o discurso inicial de igualdade na divisão das contas, decisões compartilhadas e o fato de não brigarem, necessariamente, por causa do dinheiro. O que parece ser a melhor saída para essa mulher – para que o marido não a controle, totalmente – é o fato de ela ganhar o próprio dinheiro. Parece que o controle dele fica, então, só no discurso e ela dá um jeito de contornar a situação, “escondendo sacolas” e tendo pensamentos como: “vou lá e faço”; “espero um bom momento para falar”. Possuem um discurso de igualdade de decisões, mas, ao final, ela fala do controle que o marido tenta exercer. O trabalho dela e o dinheiro que ela ganha traduzem a possibilidade, para ela, de não ter que dar satisfação para a realização das suas vontades. Coisa que, se não existisse, ela acha que seria muito difícil de conviver nesse casamento.

BRUNA: “Eu consigo chegar e falar o que está me incomodando... Dar todas as dicas lá, para as coisas melhorarem. Já o meu marido é uma pessoa muito na dele, muito fechada. É difícil ele chegar para mim e falar que alguma coisa não está legal. Ele fica mais irritado, ele fica um pouco mais impaciente. Eu percebo de outro jeito. Ele também sinaliza, mas não falando. Comunicar[-se] é um complicador para o meu marido. (...) Às vezes, não é tão fácil a gente conversar e as coisas serem resolvidas. Eu estou, sempre, tentando conversar para as coisas serem resolvidas, mas nem sempre são resolvidas. Então, às vezes, eu fico um pouco frustrada, depois das nossas conversas, apesar de existirem essas conversas. (...) O meu marido é uma pessoa muito teimosa, muito cabeça dura. Ele tem uns conceitos muito bem definidos e não sai muito daquilo. Então, realmente, meu trabalho, às vezes, de convencimento é um pouco cansativo: às vezes, vai pelo meu jeitinho ou, então, vai pela minha imposição. Geralmente, é falava que não tinha necessidade. Mas como era uma coisa que eu queria muito, eu fui lá e pus. Ele chiou, num primeiro momento mais imediato. Eu vou pelo jeitinho. Mas, quando eu não consigo, eu já parto para o ‘eu faço’. Mas, com coisas que eu quero muito a longo prazo, eu vou com jeitinho. Já ele é muito direto. O que ele pensa é o que ele fala. Se eu concordo, eu aceito na hora. Se eu não concordo, existe um certo atrito. Afinal, ele não pode conseguir tudo sempre. *(e ri)* Senão, acostuma. *(e ri mais ainda)*”

No entanto, no decorrer das entrevistas, algumas mulheres, principalmente, quando levadas a pensar na negociação de necessidades e supérfluos, deixavam surgir contradições, ali, mesmo, no momento em que pensavam no que responder. Pensar sobre supérfluos e necessidades é estar diante do aspecto mais relacionado a acordos e negociações. O que é importante para

um, nem, sempre, é importante para o outro. Mas, hoje, com a possibilidade de decisão das mulheres sobre o que é importante para si mesma - adquirida sem dúvida, pela conquista do trabalho remunerado -, as estruturas de poder mudam suas bases. Se antes, no modelo patriarcal, a base de dominação era, essencialmente masculina, hoje, ela é legítima para ambos os membros de um casal e irá funcionar de modos diferentes na história de cada um.

Gabriela apresentou muitas contradições em seu discurso e, ao final, ficou clara sua insatisfação com algumas regras estabelecidas pelo casal. Afirmava, o tempo todo, que, sempre, conversavam muito sobre qualquer assunto e que tudo era decidido pelos dois.

GABRIELA: “A gente pensa como um casal, mesmo... (*ênfatisa*) Então, a gente nunca teve grandes problemas em relação a isso (*conversar sobre dinheiro*). (...) Eu concordo com o que a gente conversa. Eu fico chateada de não ter o dinheiro, de não ter o meu dinheiro.”

No entanto, Gabriela ganha seu dinheiro - ainda que pouco para se sustentar sozinha completamente, mas já alguma coisa para lhe garantir a construção de uma carreira profissional. Após um tempo de entrevista, contou não gostar do controle exercido pelo marido sobre o dinheiro deles. Ainda que ela ganhasse pouco, gostaria que houvesse mais compreensão da parte dele, o que não acontecia, pois eles pensavam de forma muito diferente a respeito de necessidades e supérfluos, e como apenas o marido controla o dinheiro, a cobrança é enorme. Ao mesmo tempo em que ela se queixa do controle do marido, ela mesma admite não olhar a conta bancária e usá-la sem muita preocupação. É possível notar que, no caso deste casal, os conflitos surgem, a partir de uma diferença de valores, mas que não se resolvem na prática de seu cotidiano, pois a postura da mulher acaba sendo a de delegar poder ao marido na administração financeira da família e a do homem, a de cobrar dela menos gastos, seja no supermercado, no salão, em suas roupas ou com coisas para a casa.

GABRIELA: “(...) é um saco todo dia. Parece que eu tenho que dar satisfação. Em parte, a culpa é minha, porque eu não gosto de entrar no site do banco. (*pausa e continua*) Antes ele me cobrava que eu não olhava. Eu cobrava autonomia e ele me cobrava participação. Só que eu não tenho saco de olhar o banco como ele olha. Eu não gosto disso. Quero mais é que ele olhe mesmo. Mas eu queria que ele chegasse para mim e dissesse: ‘Esse mês, estamos mais apertados’ (...) Eu não queria ter que olhar a conta do banco todo dia.”

Segundo Gabriela, ela é mais tranqüila para conversar sobre as questões do dia-a-dia, gosta de escolher um momento adequado e não é de falar alto. Seu marido já fala, o tempo todo, em que alguma coisa vem à cabeça. É capaz de repetir, várias vezes, a mesma coisa. Exerce um poder mais coercitivo, através do grito e do afeto negativo.

GABRIELA: “Na verdade... (*ri*) eu brinco com ele, que ele fala, vinte vezes, a mesma coisa que ele não gosta. E isso eu odeio, sabe? Eu já sou uma pessoa que prefiro procurar a melhor oportunidade para conversar, não é, no primeiro momento, que eu sinto, que eu falo. Eu quero ver se é isso mesmo que eu estou sentindo. Eu quero ver se aquele sentimento dura mais um tempo. Eu prefiro procurar as melhores palavras. Só que o que eu acho interessante, assim, não sei nem explicar bem por que, mas, no início do nosso casamento, eu que sempre procurei conversar, comecei a estourar mais, porque ele sempre teve uma característica de falar mais o que vem à cabeça e eu comecei a estourar mais. Foi muita ansiedade, muita coisa que a gente viveu e eu estourava mais e a briga crescia, né? Óbvio, porque, quando os dois estouram, na mesma hora, a briga cresce. Eu detesto que ele fale, várias vezes, a mesma coisa. Eu acho, assim: demorou uns seis meses para a gente se adaptar um ao outro. Os primeiros seis meses foram os piores, a gente começou a melhorar depois disso, e voltar mais ou menos ao que era antes.”

Esse casal possui suas bases de poder ancoradas na dominação masculina. Ainda que a mulher não concorde e expresse que conversam sobre tudo e pensam como casal, a decisão final, segundo ela, é dele, e ela não tolera estar tolida em suas vontades, mesmo que diga que concorda com ele. Nesse sentido, esse casal foge aos resultados de uma pesquisa na década de 70, realizada por Corrales (1975), que indicava que a satisfação conjugal era encontrada em casais de base igualitária e cujo homem dominava mais que a mulher.

Embora Carolina, assim como Gabriela, não goste de olhar conta bancária e delegue ao marido essa função, Carolina questiona mais esses papéis tradicionais no casamento. Seu marido já tende a não valorizar esses momentos. Ela chega a pensar que, provavelmente, tem mais conflitos e questionamentos do que ele, pois ele nunca expressa nada que está sentindo. Ele demonstra de outro jeito. Ela questiona valores invisíveis: sente-se cobrada por trabalhar e ganhar dinheiro, mas diz que não é algo vindo direto do marido e sim uma cobrança própria. O dinheiro para ela significa independência, valorização, uma condição da qual não consegue abrir mão – o que a coloca diante de um dilema enorme:

conciliar filhos e trabalho. Não se imagina pedindo dinheiro ao marido, ao mesmo tempo, não gosta de olhar a conta bancária e está sempre dependendo do dinheiro dele para viver.

CAROLINA: “Ah, sim, por exemplo, ele, simplesmente, caga para qualquer problema existencial meu. Bom, não problema existencial, mas aquilo que ele acha que é besteira. ‘Ah, não, tá falando muito do trabalho, vamos desligar. Para de falar que é besteira’, [comenta]. Ele não dá nenhuma corda pra nada assim. Às vezes é difícil, porque eu quero falar daquilo, quero escutar a opinião dele. Eu reclamo. Mas ele é muito prático. Não é que ele não se importa com aquilo. Ele se importa pra caramba, mas homem é muito prático. Tanto é que, na época, do desfile, ele trabalhou comigo no final de semana. No desfile, ele que levou todo material e comida, só para ficar comigo. Isso é que é legal. Eu aprendi a maneira dele de lidar com as minhas coisas, os meus problemas, e a maneira que eu aprendi a lidar com os problemas e as crises dele, entendeu? São bem menores ou são mais internas, enfim. Acho que ele resolve, mais facilmente qualquer problema que ele tenha ou venha a ter. Acho que é mais complicado pra mim.”

Lúcia e Rafaela eram nossas únicas entrevistadas não casadas juridicamente. Moravam junto com seus maridos por opção, sendo que Lúcia preferia estar casada. Rafaela, por não pensar em se casar e se relacionar com alguém mais velho – 48 anos –, que nunca casou e já morava sozinho há anos, era bem mais tranqüila, quanto a essa questão. Lúcia ainda tinha muito a amadurecer.

LÚCIA: “Eu sou mais de discutir, de conversar. Na verdade eu acho que a gente está tentando, ainda, achar esse equilíbrio, porque ele é muito de ficar em silêncio. Por exemplo, quando a gente tinha brigas em relação a ciúmes, porque eu tinha ficado com ciúmes ou de uma pessoa específica ou porque ele tinha ido para um lugar que eu só fiquei sabendo depois. Eu ia e falava e reclamava, porque ele não tinha me contado, porque que ele tinha feito aquilo, e ele não gosta de discutir. Então, ele se fecha mais. (...) Por muito tempo, isso, foi muito difícil, porque, aí, eu ia atrás e tinha vezes que a gente tinha que estar em dois lugares diferentes, porque ele não falava e eu falava muito e a gente não conseguia atingir um equilíbrio. Hoje em dia, ele fala mais e eu falo menos. Então, hoje, se a gente tiver uma discussão, seja pelo motivo que for, a gente senta, e se começar a virar discussão, ele, normalmente, fala: ‘olha, a gente está começando a brigar, a gente está parando de se entender, eu estou entendendo uma coisa e você outra. Melhor parar.’ E eu estou conseguindo parar, coisa que eu não conseguia antes. (...) Então, o acabar, pra mim, não era o acabar pra ele. Esse é o equilíbrio: ele abre um pouco mais e eu fecho um pouco mais. Mas ele, ainda, é muito fechado com algumas coisas. Ele não gosta. Se ele está com algum problema na profissão dele, alguma coisa que ele esperava acontecer e não aconteceu, ele apenas relata o fato, mas não elabora como aquilo está para ele. Algumas coisas, a gente conversa, sobre a profissão. É muito difícil conseguir conversar com ele. Quando ele está muito triste, ele se fecha ainda mais. Eu já sou ao contrário. Qualquer preocupação que eu tenha, principalmente, em relação ao meu futuro profissional, normalmente, eu

procuro ele, porque ele é muito seguro, ele é positivo, uma pessoa que me incentiva muito. Então, eu falo muito mais.”

E Rafaela usava a conversa como tentativa de conciliação de idéias, mas diz nunca ter chegado a resultados satisfatórios, como se aquela conversa fosse, realmente, fazer aquele problema melhorar. Nunca viu uma melhora efetiva disso, não.

RAFAELA: “Eu tento não abordar o assunto, se me sinto muito indignada ou muito contrariada... Ou seja, tento evitar o impulso para briga. Sempre, penso que, quando nos sentimos muito injustiçados, muito irados ao lado de quem amamos, provavelmente, não estamos conseguindo enxergar as coisas muito bem. Talvez, não estejamos nos colocando no lugar do outro suficientemente. Então, primeiro, eu me seguro, tento me acalmar, ficar tranqüila para poder enxergar as coisas com clareza e evitar julgamentos e acusações injustas. Quando sinto que estou mais tranqüila, mais racional, abordo o assunto de maneira direta, nunca com o intuito de acusar, de disputar ou de julgar. O objetivo é, sempre, o equilíbrio na satisfação para ambas as partes.”

Observamos que as mulheres que possuem poder de igualdade nas decisões do cotidiano e conseguem estabelecer acordos em que suas necessidades e prioridades são respeitadas sentem-se mais satisfeitas no casamento. Porém, não necessariamente, casamentos em que bases mais tradicionais na divisão dos papéis são propostas significam o fracasso da relação. A discordância na forma como cada membro do casal percebe as relações de poder é que indica tendências maiores à insatisfação conjugal. O conflito ocorre, quando não há concordância na base do poder. Em um casal, em que ambos pensam de forma mais tradicional e concordam com as negociações feitas, a satisfação é tão presente, quanto em casais que concordam com papéis mais igualitários. Em nossos achados, a divergência na concordância, quanto à base de poder vigente em determinada relação conjugal, é que se mostrou influente no grau de ajustamento conjugais.